



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO FARMÁCIA GENERALISTA**

ELISABETH EMILIA AUGUSTA DANTAS TÖLKE

**Estudo etnobotânico de plantas medicinais na
comunidade Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB
(TIPO: Monografia)**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

ELISABETH EMILIA AUGUSTA DANTAS TÖLKE

**Estudo etnobotânico de plantas medicinais na
comunidade Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação de Farmácia Generalista da
Universidade Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de farmacêutico generalista.

Orientador: Prof. Dr. Thulio Antunes de Arruda

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T626e Tölke, Elisabeth Emilia Augusta Dantas.
Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade
Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB [manuscrito] / Elisabeth
Emilia Augusta Dantas Tolke. - 2014.
63 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Thulio Antunes de Arruda, Departamento
de Farmácia".

1. Caatinga. 2. Biodiversidade. 3. Plantas medicinais. I.
Título.

21. ed. CDD 615.321

ELISABETH EMILIA AUGUSTA DANTAS TÖLKE

Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Farmácia Generalista da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de farmacêutico generalista.

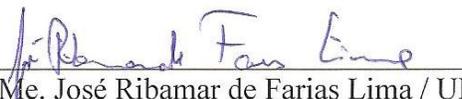
Aprovada em 23/04/2014.



Prof. Dr. Thulio Antunes de Arruda / UEPB
Orientador



Prof.^a. Dr.^a. Ivana Maria Fechine / UEPB
Examinadora



Prof. Me. José Ribamar de Farias Lima / UFPB
Examinador

Aos meus pais, Lúcia Gomes Dantas e Jurgen Friedrich Tölke,
pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À coordenação do curso de Farmácia, por seu excelente empenho. À Universidade Estadual da Paraíba por me oferecer a oportunidade de realizar mais uma graduação, com a estrutura necessária e excelentes professores.

Ao professor Dr. Thulio Antunes de Arruda pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, por me aceitar com sua aluna e confiar no meu trabalho.

Ao líder da comunidade Caiana dos Mares, Wellington, por abrir as portas para que esta pesquisa pudesse ser desenvolvida, muitas vezes nos acompanhando de casa em casa na realização das entrevistas e sempre nos recebendo tão bem em sua casa. Aos moradores da comunidade por permitirem nossa entrada em sua morada e compartilhar um saber tão rico.

Aos professores do Curso de Farmácia da UEPB, em especial, Ricardo, Emídio, Rossana, Valéria, Patrícia, Letícia, Clésia, Alessandra, Alyne, Ana Flávia, Karlete, que contribuíram ao longo de sessenta meses de curso por meio das disciplinas e debates, a participação de todos foi de fundamental importância na minha formação.

Ao meu pai Jurgen, a minha mãe Lúcia, e aos meus irmãos Rafael, Rodolfo e Eliana, pelo incentivo e exemplos de vida. Tudo que eu sou hoje e o que ainda serei devo à minha família, que me proporcionou vivências diárias de carinho, amor e respeito.

Ao professor e amigo José Iranildo, por seu apoio e auxílio na identificação das amostras.

Às funcionárias e amigas da UEPB, Elimar e Macelly, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos amigos Lidy e Vamberto por terem acreditado que podíamos desenvolver este trabalho, pelo companheirismo e amizade.

Aos colegas de classe, Hiarly, Débora, Cris, Dani, Maryanne, Marygelle, Nathaly, Tati, Wilma, pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

O resgate do conhecimento etnobotânico realizado em comunidades são importantes na documentação das plantas utilizadas e catalogação do saberes, valorizando o conhecimento tradicional e a biodiversidade local. Este trabalho teve por objetivo realizar um estudo etnobotânico das plantas medicinais na comunidade Caiana dos Mares, município de Alagoa Grande, PB, através do reconhecimento das plantas utilizadas na medicina tradicional local, evidenciando as espécies e seus usos, desde a obtenção – cultivo ou extrativismo – até sua aplicação dentro dos contextos sociocultural e ambiental da comunidade. O método de amostragem escolhido foi o “snowball”, sendo identificados seis informantes chave; as informações foram coletadas por meio de entrevista semiestruturada e os espécimes citados foram coletados em turnê guiada e posteriormente identificados e herborizados. Para análise quantitativa dos dados foi utilizado o índice de importância relativa. Resultaram deste levantamento 66 espécies, distribuídas em 41 famílias, sendo as mais ricas Lamiaceae, Fabaceae, Asteraceae e Myrtaceae. A maioria das espécies amostradas é exótica. A folha foi a parte vegetal mais utilizada e o chá foi o modo de preparo mais frequente. As espécies com maior importância relativa foram *Rosmarinus officinalis* L. (IR = 2,0), *Citrus x aurantium* L. (IR = 1,5) e *Chenopodium ambrosioides* L. (IR = 1,5). A maioria das indicações citadas são para o tratamento de doenças do sistema respiratório e digestório. A maior parte das plantas utilizadas pela comunidade é relacionada aos cuidados primários de saúde. Os quintais da comunidade de Caiana dos Mares são riquíssimos em espécies botânicas representando um grande potencial para futuros trabalhos relacionados à bioprospecção.

PALAVRAS-CHAVE: Caatinga. Importância relativa. Quintais. Snowball.

ABSTRACT

The rescue of ethnobotanical knowledge conducted in communities is important in documenting the plants used and the knowledge cataloging, valuing traditional knowledge and local biodiversity. This work aimed to conduct an ethnobotanical study of medicinal plants in Caiana dos Mares community, Alagoa Grande municipality, PB, through the recognition of plants used in traditional local medicine, showing the species and their uses, from production - extraction or cultivation - until their implementation within the sociocultural and environmental contexts of the community. The sampling method chosen was the "snowball", six key informants were identified, data were collected through semi-structured interview and cited specimens were collected in guided tour and later identified and herbalized. For quantitative analysis, the relative importance value was used. Resulted from this survey 66 species belonging to 41 families, with the richest Lamiaceae, Fabaceae, Asteraceae and Myrtaceae. Most of the species is exotic. Leaf was the most commonly used plant part and the tea was the most frequent mode of preparation. The species with the highest relative importance were *Rosmarinus officinalis* L. (IR = 2.0), *Citrus aurantium* L. x (IR = 1.5) and *Chenopodium ambrosioides* L. (IR = 1.5). Most indications are cited for the treatment of diseases of the respiratory and digestive system. Most of the plants used by the community is related to primary health care. The backyards of the Caiana dos Mares community are very rich in plant species representing a large potential for future work related to bioprospecting .

KEYWORDS: Caatinga. Relative importance. Backyards. Snowball.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	Categorias de sistemas corporais tratados pelas plantas medicinais utilizadas na comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande –PB, com respectivos números de espécies e número de usos reportados	16
TABELA 2 –	Lista das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande –PB.....	17

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Área de estudo: município de Alagoa Grande – PB, Nordeste do Brasil	9
FIGURA 2 –	Esquema diagramático da seleção de informantes a partir do método snowball entre moradores da comunidade rural Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB.....	11
FIGURA 3 –	Aspecto geral de quintal de um dos informantes da comunidade de Caiana dos Mares (Alagoa Grande –PB), contendo diversas espécies medicinais....	12
FIGURA 4 –	Dados sociodemográficos e etnobotânicos fornecidos pelos informantes da comunidade de Caiana dos Mares (Alagoa Grande – PB).....	14
FIGURA 5 –	Distribuição por família das plantas medicinais utilizadas em Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB.....	15
FIGURA 6 –	Espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB	21
FIGURA 7 –	Espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB	22
FIGURA 8 –	Espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB	23

LISTA DE SIGLAS

CDB	Convenção sobre a Diversidade Biológica
CGEN	Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
OMS	Organização Mundial de Saúde
AESA	Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
2.1 Objetivo geral	2
2.2 Objetivos específicos	2
3. REVISÃO DE LITERATURA	2
3.1 Etnobotânica e fitoterapia	2
3.2 Estudos etnobotânicos.....	6
3.3 Quintais agroflorestais	7
4. MATERIAL E MÉTODOS	8
4.1 Área de estudo	8
4.2 Amostragem, coleta e análise dos dados	10
4.3 Aspectos éticos	13
5. RESULTADOS	13
5.1 Considerações sobre os informantes	13
5.2 Conhecimento etnobotânico	14
6. DISCUSSÃO	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	
A Termo de compromisso do pesquisador responsável	41
C Termo de consentimento livre e esclarecido	43
D Instrumento de coleta de dados	45
ANEXOS	
1 Termo de autorização de pesquisa e divulgação do trabalho científico	48

1. INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta diferentes influências culturais, devido a sua diversidade ambiental e étnica, a sua extensão territorial e forma de ocupação. Destacam-se os aspectos culturais afro-brasileiras, indígenas e orientais, dentre outras. Isto propiciou muitos conhecimentos e tradições, que permaneceram com o decorrer do tempo, a exemplo das plantas medicinais que muitas vezes, se apresentam como único recurso terapêutico de diversos grupos étnicos e comunidades (OLIVEIRA, 2005; LOPES, 2006; TOMAROZZI et al., 2006).

Desta forma, observa-se a preocupação com o resgate do conhecimento referente ao uso que os povos fazem dos elementos da natureza, inserindo-se neste contexto os manejos e os saberes sobre as plantas medicinais. Sendo assim, os estudos etnobotânicos, realizados em sociedades tradicionais, são importantes na documentação das plantas medicinais e na catalogação dos seus saberes, na valorização dos conhecimentos e na preservação da biodiversidade (KFFURI, 2008). Possibilitando ainda levantar inúmeras novas plantas da flora tropical, potencialmente utilizáveis pela indústria farmacêutica, seja, na aplicação direta, na produção fitoterápica ou na construção de novos modelos sintéticos de produtos bioativos (GARCIA, 1995; LEONEL, 2000). Porém, ainda é desconhecida a total diversidade de plantas empregadas medicinalmente por comunidades tradicionais como indígenas, ribeirinhas, caiçaras e quilombolas, dentre outras (GARCIA, 1995; OLIVEIRA, 2005).

Os saberes e os conhecimentos medicinais populares são uma fonte constante para a produção farmacológica mundial, principalmente se oriundos de plantas. Ressalta-se que o Brasil, um patrimônio de recursos biológicos, está entre os países com maior biodiversidade do planeta, associada à diversidade étnica e cultural. O país, com a maior diversidade genética vegetal do mundo, conta com mais de 55 mil espécies catalogadas de um total estimado entre 350 mil e 500 mil. Estima-se que 4 mil espécies vegetais sejam usadas com fins medicinais, resultantes da observação e manejo da flora por povos tradicionais (BRASIL, 2006).

Verificam-se alguns estudos etnobotânicos realizados em comunidades do estado da Paraíba, destacando-se os trabalhos de Agra et al. (2007b), Alves et al. (2007), Araújo (2009), Brito et al. (2009), Sales et al. (2009), Santos et al. (2009), Soares et al. (2009), Marinho et al. (2011), Andrade et al. (2012), Lucena et al. (2012) e Lacerda et al. (2013) o que implica na necessidade de novas pesquisas. Nesse contexto social e cultural de transmissão e troca de saberes, pode-se fazer relação entre o conhecimento científico e as práticas tradicionais de cuidado e cura, de forma a contribuir para o aperfeiçoamento de seleção e classificação dos

agentes terapêuticos, técnicas de manejo, condições de preparo e suas respectivas indicações terapêuticas.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Esta pesquisa teve como finalidade realizar um estudo etnobotânico das plantas medicinais na comunidade Caiana dos Mares, município de Alagoa Grande, PB, através do reconhecimento das plantas utilizadas na medicina tradicional local, evidenciando as espécies e seus usos, desde a obtenção – cultivo ou extrativismo – até sua aplicação dentro dos contextos sociocultural e ambiental da comunidade.

2.2. Objetivos específicos

- Verificar o perfil socioeconômico da comunidade em estudo;
- Coletar informações sobre o uso das plantas medicinais utilizadas na prevenção e tratamento dos problemas de saúde;
- Identificar e herborizar as referidas espécies para servir como base para pesquisas posteriores.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Etnobotânica e fitoterapia

O termo etnobotânica foi utilizado pela primeira vez em 1895 por Harshberger para designar a ciência que estuda a utilização das plantas por populações tradicionais (Jones, 1941). Desde então o conceito de etnobotânica tem evoluído e abrangido diferentes aspectos. Alexiades (1996) define a etnobotânica como o estudo das sociedades humanas passadas e presentes e todos os tipos de inter-relações, sejam elas ecológicas, evolutivas ou simbólicas, reconhecendo a dinâmica natural das relações entre o ser humano e as plantas. Amorozo (1996) define a etnobotânica como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações

desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando o modo como o grupo social classifica as plantas e os usos que dá a elas. Balick e Cox (1997) relacionam a etnobotânica com a antropologia, afirmando que a maneira pela qual as pessoas incorporam as plantas em suas tradições culturais, religiões e cosmologias revelam aspectos sobre a forma de vida das próprias populações. Mais recentemente, Albuquerque (2002) afirma que a etnobotânica pode ser entendida como o estudo da inter-relação direta entre pessoas de culturas viventes e as plantas do seu meio, aliando os fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas.

A etnobotânica é um ramo da etnobiologia que se desdobra em diferentes dimensões, tais como as plantas empregadas na construção de habitações, no artesanato utilitário e lúdico, na alimentação, entre outros usos, dentre estes, os usos na medicina popular (CAMARGO, 2008). Segundo o mesmo autor, a área da etnobotânica que se ocupa dos remédios simples e compostos produzidos a partir de vegetais, voltados à cura de problemas de ordem física, mental ou espiritual é a etnofarmacobotânica.

A pesquisa etnobotânica evoluiu consideravelmente na última década em todo o mundo, especialmente no México, Colômbia e Brasil (HAMILTON et al., 2003). O pesquisador procura conhecer os aspectos culturais e o cotidiano da comunidade pesquisada, os conceitos locais do processo saúde-doença e o modo como a comunidade utiliza os recursos naturais para a 'cura' de seus males (PATZLAFF e PEIXOTO, 2009). Conhecimentos tradicionais são advindos de experiências ligadas à natureza e ao acúmulo de saberes transmitidos de geração para geração através da oralidade e fazem parte da cultura de um povo (POSEY, 1986).

Os estudos etnobotânicos possibilitam o reconhecimento e preservação de espécies importantes e, às vezes, potencialmente ameaçadas; também permitem a documentação do conhecimento tradicional e dos sistemas de manejo e conservação de recursos, o descobrimento de importantes cultivares manipulados artificialmente e o descobrimento de fármacos naturais reconhecidos pela comunidade (ALBUQUERQUE, 2002). Além disso, é através da etnobotânica que é possível resgatar o saber botânico tradicional, particularmente o saber relacionado ao uso dos recursos da flora, evitando que esse conhecimento se extinga ao longo do tempo (GUARIN et al., 2000). O uso medicinal de plantas tem se restringido a um número cada vez menor de pessoas, devido ao avanço dos medicamentos alopáticos, ao processo de urbanização e às mudanças culturais e sociais; o resgate deste conhecimento é

importante, visto que, muitas das drogas utilizadas na medicina moderna foram descobertas a partir de seu uso na medicina popular (TRESVESOL et al. 2006) e provavelmente ainda há muito a se descobrir.

Verifica-se que há uma grande preocupação por parte dos pesquisadores em retribuir à comunidade que participou da pesquisa, pelo acolhimento, respeito, tempo despendido e principalmente pelo compartilhamento do saber (PATZLAFF e PEIXOTO, 2009). Essa preocupação se tornou, entretanto, mais evidente, após a promulgação da Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), firmada em 1992 por 162 países, entre os quais o Brasil. A CDB estabelece três níveis de obrigações a serem cumpridas por cada país participante: a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição de benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos (ALBAGLI, 2006).

Neste sentido, dois Atos normativos, a Resolução n ° 23/2006 do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) e a Resolução n ° 134/2006 do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), regulam o certificado de procedência legal para pedidos de patentes que envolvam acesso a componente do patrimônio genético ou de conhecimentos tradicionais que compreendem e entraram em vigor em 2007.

Nos estudos etnobotânicos o retorno à comunidade pode ser proporcionado de diferentes formas, como a devolução dos dados sistematizados através de manuais, cartilhas, painéis expositivos e folders e entrega de cópias de artigos publicados, dissertações e teses. Outras formas de retribuição compreendem confecção de material didático para escolas da região a partir dos resultados da pesquisa, mapas georreferenciados apontando as florestas e cursos d'água utilizados pela comunidade, fotografias de famílias, da vegetação e das plantas locais e implantação de hortas medicinais (PATZLAFF e PEIXOTO 2009).

Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia as plantas medicinais estão tendo o seu valor terapêutico pesquisado e ratificado, sua utilização tem sido amplamente recomendada por profissionais de saúde (LÓPEZ, 2006), o uso de plantas medicinais e de fitoterápicos cresceu consideravelmente; deve-se salientar que plantas medicinais e fitoterápicos abrangem conceituações diferentes. De acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS (1991), plantas medicinais são todas aquelas, silvestres ou cultivadas, que se utilizam como recurso para prevenir, aliviar, curar ou modificar um processo fisiológico normal ou patológico, ou como fonte de fármacos e de seus precursores. Ao passo que fitoterápicos são medicamentos obtidos empregando-se exclusivamente matérias-primas ativas vegetais, sendo caracterizados pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seus usos,

assim como pela reprodutibilidade e constância de sua qualidade (BRASIL, 2000). Sua eficácia e segurança é validada através de levantamentos etnobotânicos e etnofarmacológicos de utilização, documentações tecnocientíficas em publicações ou ensaios clínicos de fase 3. Não se considera medicamento fitoterápico aquele que, na sua composição, inclua substâncias ativas isoladas, de qualquer origem, nem as associações destas com extratos vegetais (RDC nº 48/04 - ANVISA) e reconhecidos em 1978, durante a Conferência em Alma-Ata, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico (BRASIL, 2006a).

No Brasil, em 1981, a Portaria N.º 212 de 11 de setembro de 1981, do Ministério da Saúde, define o estudo de plantas medicinais como uma das prioridades de investigação em saúde e em 1996, a décima Conferência Nacional de Saúde, em 1996 deliberou a incorporação no SUS das práticas de saúde como a fitoterapia. Em 03 de maio 2006 foi publicada por meio da Portaria GM nº 971 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, que propõe a inclusão das plantas medicinais e fitoterapia, homeopatia, medicina tradicional chinesa/acupuntura e termalismo social/crenoterapia como opções terapêuticas no sistema público de saúde. Essa política traz dentre suas diretrizes para plantas medicinais e fitoterapia a elaboração da Relação Nacional de Plantas Medicinais e de Fitoterápicos; e o provimento do acesso às plantas medicinais e fitoterápicos aos usuários do SUS (BRASIL, 2006a).

Logo em seguida a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos foi aprovada por meio do Decreto Nº 5.813, de 22 de junho de 2006, estabelece diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, ao desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como ao fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, ao uso sustentável da biodiversidade brasileira e ao desenvolvimento do Complexo Produtivo da Saúde (BRASIL, 2006a).

A fitoterapia é hoje uma opção medicamentosa bem aceita e acessível à população, no caso do Brasil, é adequada para as necessidades locais de vários municípios brasileiros no atendimento primário à saúde (ELDIN e DUNFORD, 2001). O crescimento do uso de fitoterápicos se deve principalmente aos avanços ocorridos no desenvolvimento de fitoterápicos seguros e eficazes, bem como à busca, pela população, por novas terapias menos agressivas (YUNES et al., 2001).

3.2 Estudos etnobotânicos

O interesse pelo uso das plantas medicinais cresceu muito na segunda metade do século XX e estudos da química e farmacologia de produtos naturais resultaram no crescimento do interesse sobre a perda potencial da biodiversidade e a necessidade de garantir o uso sustentável dos recursos naturais (ALBUQUERQUE et al, 2007a).

O Brasil tem um dos mais interessantes e importantes centros de diversidade da flora, caracterizado também por uma grande diversidade de ambientes – desde florestas tropicais até ambientes secos da Caatinga – a flora do Brasil se constitui em um rico recurso e foi descoberta pelos primeiros botânicos e naturalistas que exploraram nossa terra (MELLO, 1980).

De acordo com Toledo (1987) existem três tipos principais de estudos etnobotânicos que objetivam resgatar e documentar os usos tradicionais das plantas: (1) elaboração de compêndios; (2) monografias sobre plantas ou grupos de plantas de interesse econômico; e (3) estudos acerca do conhecimento etnobotânico de grupos étnicos ou regiões específicas.

O trabalho de Pio-Corrêa (1974) ainda é a principal obra de referência em plantas úteis brasileiras. No entanto, a primeira obra que procurou reunir todas as plantas da flora brasileira foi a “Flora brasiliensis”, produzida entre os anos de 1840 a 1906. Esta obra contém o tratamento taxonômico de mais de 20.000 espécies, dentre elas uma grande parte das plantas utilizadas na medicina popular. Apenas em 1952 foi criado por Gonçalves de Lima o primeiro centro de pesquisa etnobotânica no Brasil, o Instituto de Antibióticos, a partir de então, outros grupos emergiram em várias universidades do Brasil, como em Maceió (AL), Fortaleza (CE), João Pessoa (PB) e Belo Horizonte (MG) (MELLO, 1980).

Hoje, a maioria dos trabalhos publicados são estudos acerca do conhecimento etnobotânico de grupos étnicos ou regiões específicas, com o objetivo de documentar os padrões de usos das plantas, a transmissão do conhecimento popular e a influência das variáveis econômicas e sociais sobre o uso das plantas; poucos estudos adotam investigações em larga escala geográfica (ALBUQUERQUE et al, 2007a).

Dentre as preocupações da etnobotânica persistem as buscas por novos produtos naturais para utilização na indústria, sejam medicamentos ou alimentos, com a predominância de pesquisas envolvendo plantas medicinais; também são acrescentadas a estas, preocupações acerca do desenvolvimento humano, conservação da natureza, uso de recursos e ecossistemas e questões de segurança alimentar e saúde pública (HAMILTON et al., 2003). Na produção científica brasileira houve um grande crescimento dos estudos nesta área, porém também com

predominância de trabalhos relacionados às plantas medicinais e/ou abordagens descritivas, as demais publicações trazem contribuições teóricas e metodológicas para a área e/ou abordam diversos aspectos das relações entre pessoas e plantas – conhecimento, uso e manejo de recursos vegetais; significado cultural, origem e fluxo do conhecimento; etnotaxonomia; e perda do conhecimento (OLIVEIRA et al., 2009). Segundo os mesmos autores, em publicações mais recentes é incorporada a técnica quantitativa para análise dos dados como uma resposta aos apelos de maior rigor e teste de hipóteses na pesquisa etnobotânica, mais fortemente sentidos a partir da década de 1980.

As publicações etnobotânicas na Paraíba, seguem a tendência observada por Hamilton et al. (2003) e Oliveira et al. (2009). A maioria dos trabalhos mantém o foco no uso das plantas medicinais por populações específicas (AGRA et al., 1994; BARRACHO e AGRA, 1995; AGRA et al., 1996; AGRA, 1996; ROCHA e AGRA, 1996; CABRAL e AGRA, 1998; AGRA et al. 2006; AGRA et al., 2007a; ALVES et al., 2007; BRITO et al, 2009; SALES et al., 2009; SANTOS et al., 2009; SOARES et al., 2009; MARINHO et al., 2011; ANDRADE et al., 2012; LACERDA et al., 2013), poucos relatam o uso de plantas para outras finalidades (TROVÃO et al., 2004; OLIVEIRA e TROVÃO, 2009; LUCENA et al., 2012).

3.3 Quintais agroflorestais

De acordo com Amorozo (2002), o quintal pode ser definido como o espaço do terreno situado ao redor da casa, regularmente manejado, onde são cultivadas plantas e também são criados animais domésticos de pequeno porte. Os quintais podem ser considerados sistemas agroflorestais de manejo tradicional, considerados sustentáveis, sendo caracterizados por uma imitação dos ecossistemas naturais, requerendo a utilização de poucos insumos e provocando menor dano ao meio ambiente (KEHLENBECK e MAASS, 2004; DAS e DAS, 2005). Estes quintais representam uma unidade agrícola de uso tradicional do solo e são considerados como uma das formas mais antigas de uso da terra (NAIR, 1996).

O quintal é uma unidade de paisagem onde ocorre um elevado número de espécies e as interações estabelecidas com os respectivos idealizadores satisfazem necessidades econômicas, sociais e culturais específicos do grupo envolvido (KUMAR e NAIR, 2004). Interessante observar que em todas as regiões tropicais do mundo ocorre o sistema agroflorestal denominado de quintal, com suas variantes em cada região ou país, sendo muito semelhantes na sua estrutura e função (SIVIEIRO et al., 2011). Uma alta diversidade de espécies, com múltiplas finalidades, é cultivada nos quintais, tais como plantas usadas para

construção, combustível, artesanato, ornamentação, sombra, fibra, religiosidade e medicina popular (FERNANDES e NAIR, 1986; ALBUQUERQUE et al., 2005).

Estes ambientes apresentam uma importância significativa na sustentação dos povos e no conhecimento dos ambientes naturais, bem como suas formas de manejo, além de contribuir para a subsistência de determinadas populações (MOURA e ANDRADE, 2007). Nas áreas rurais, esses espaços aparecem no entorno da casa e se caracterizam por um modo de produção diferenciado do modo moderno de produção rural, com destaque para a biodiversidade, o respeito aos ciclos e a utilização de mão de obra familiar, sendo a produção destinada à subsistência da família (GOMES, 2009).

Assim, os quintais possuem importância social, econômica e biológica. Atuam como área de produção, espaços para complementar a renda familiar e enriquecer a dieta alimentar, ainda podem servir como campo de experimentação e aclimatação de espécies, podem atuar também como espaços educativos, despertando os moradores para a importância da preservação e da conservação de espécies vegetais nativas da região em que estão inseridos (VASCONCELOS, 2004).

É evidente a importância dos quintais sob vários aspectos, no entanto, pouca atenção ainda tem sido dada a essas práticas, especialmente no Brasil (FLORENTINO et al. 2007). De acordo com os mesmos autores, os estudos florísticos em quintais apresentam dados qualitativos com descrição da estrutura, composição, organização e manutenção dessas práticas.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Caracterização da área de estudo

A comunidade “Caiana dos Mares” está localizada na zona rural do município de Alagoa Grande (Figura 1), microrregião do brejo paraibano, distando aproximadamente 12 km do centro da cidade. A região abrange a fitofisionomia da Caatinga, tem clima quente e úmido, com precipitação média anual de 768,5 mm e temperatura média anual variando de 20°C a 30°C (AESAs, 2013). Está inserida na unidade geoambiental “Superfícies Dissecadas Diversas”, que ocorre nas áreas que margeiam as chapadas do Piauí e do Maranhão, em importantes áreas dos sertões de Alagoas e Sergipe e em pequenos trechos em outros estados.

O relevo é bastante movimentado, moderadamente dissecado, apresentando altitudes entre 300 e 700 metros, com solos pobres e rasos, salvo nas áreas de fundo de vales estreitos e profundos (BELTRÃO et al. 2005).

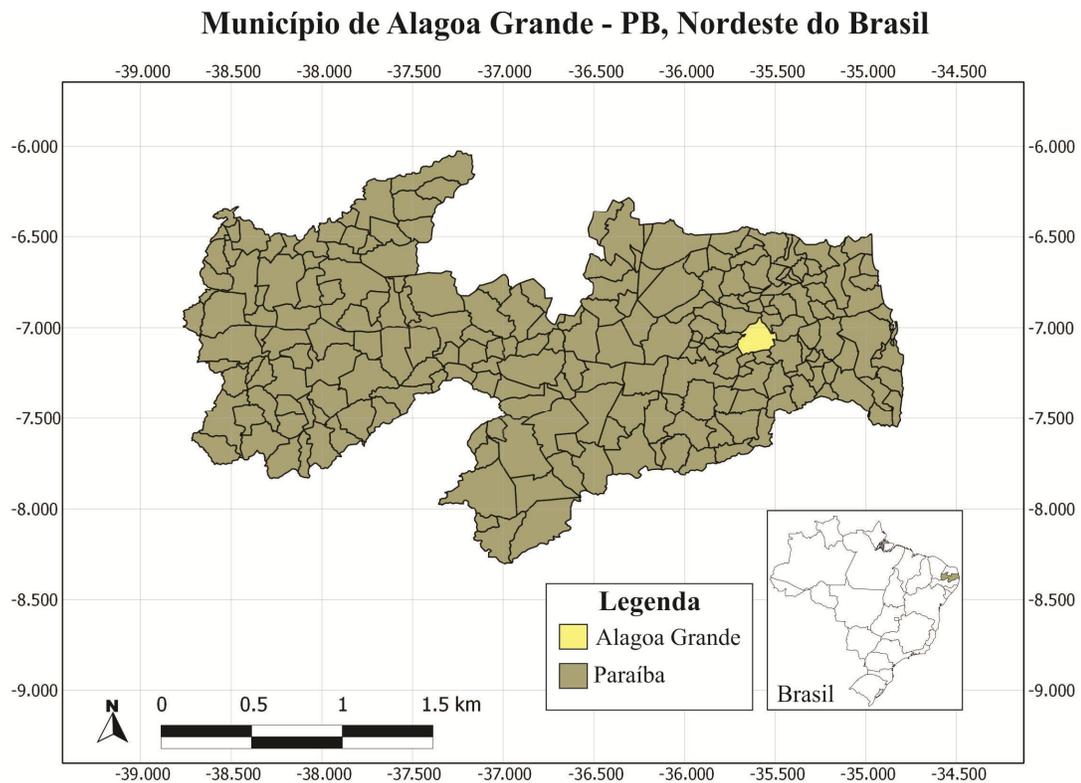


Figura 1. Área de estudo: município de Alagoa Grande – PB, Nordeste do Brasil.

A população de Caiana dos mares é composta por aproximadamente 300 habitantes, em sua maioria cabocla, resultado da miscigenação entre o negro, o branco e o índio. Ainda mantém vivas as tradições herdadas dos seus antepassados, como, por exemplo, o folguedo “Cavalo Marinho”, um auto que reúne teatro, dança e música, historicamente criada pelos trabalhadores negros, escravos, das plantações de cana-de-açúcar (GRILO, 2011). Eles se autodenominam como descendentes dos antigos escravos desta região, porém não são reconhecidos oficialmente enquanto comunidade quilombola.

É uma região excluída de programas de assistência e desenvolvimento do Governo do Estado, apresenta problemas como a precariedade das vias de transporte, deficiência no abastecimento de água e nos serviços públicos. Conta apenas com uma escola de nível fundamental do primeiro e segundo ciclo e a economia como um todo é voltada para a agricultura de subsistência. A fim de complementar a renda, algumas pessoas realizam

trabalho remunerado em cidades vizinhas. O atendimento médico-hospitalar é realizado apenas no município sede, portanto, quando os habitantes necessitam de algum tipo de atendimento de saúde precisam se deslocar até Alagoa Grande ou municípios vizinhos.

4.2 Amostragem e coleta de dados

A seleção da comunidade Caiana dos Mares foi efetuada por conveniência, baseada no acesso dos pesquisadores à liderança dessa comunidade. Este contato foi possível mediante a participação no projeto PROPESQ/UEPB “Práticas Culturais, memórias e a Arte de Inventar o Cotidiano: (Re) Escrevendo as Brincadeiras Infantis, Cantigas, Festas e Práticas de Cura em Comunidades Afro-descendentes Paraibanas”, tendo como Coordenadora Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza.

O método empregado para a escolha das pessoas da comunidade a serem entrevistadas foi o *snowball* (bola de neve) (BERNARD, 1988). Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, o “ponto de saturação”. Este é atingido, quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, ou começam a indicar indivíduos que já participaram do processo, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994).

Para que se tenha uma amostra considerável, deve-se selecionar um número inicial de pessoas, que, preferencialmente, devem exercer certa liderança no espaço a ser estudado, conhecer muitos membros da localidade e que esses sejam de diversificados ramos de formação e atuação. A *snowball* ou “Bola de Neve” prevê que o passo subsequente às indicações dos primeiros participantes no estudo é solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa (e agora indicados por eles), para, só então sair a campo para também recrutá-los (ALBUQUERQUE, 2009).

Foram identificadas, segundo os critérios estabelecidos, seis informantes (Figura 2). Para cada informante foi explicado o objetivo do estudo, e em seguida estes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), que é solicitado pelo Conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 196/96). A coleta de dados foi realizada através de observação participante e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas (Apêndice C), contendo perguntas relacionadas ao perfil socioeconômico

dos informantes, diversidade das plantas utilizadas no preparo de remédios caseiros, partes utilizadas, formas de uso, posologia e indicação terapêutica.

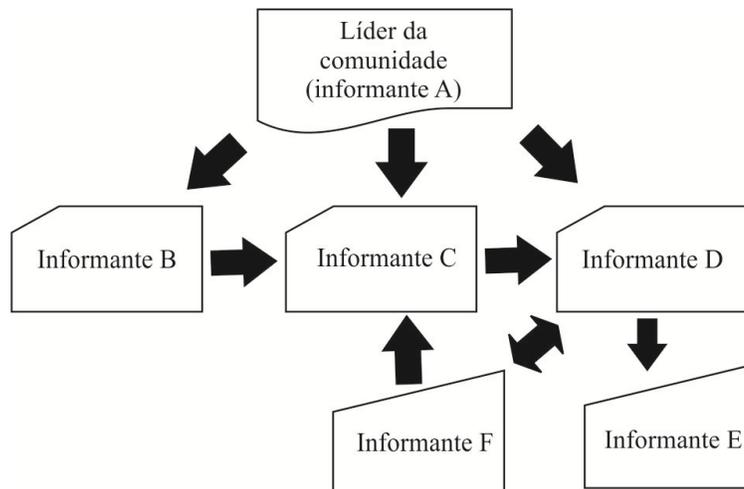


Figura 2. Esquema diagramático da seleção de informantes a partir do método snowball entre moradores da comunidade rural Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB.

Foi realizada uma turnê guiada (ALBUQUERQUE et al., 2010) com os informantes para registrar e coletar as espécies citadas nas entrevistas, as quais foram herborizadas e depositadas do Herbário Manoel de Arruda Câmara (ACAM), na Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande, Paraíba, Brasil. A metodologia da turnê guiada, também denominada “informante de campo” ou “walk-in-the-woods”, consiste em uma técnica de entrevista em campo, em que o informante aponta as espécies ao pesquisador, possibilitando a identificação correta das mesmas e a complementação de dados obtidos nas entrevistas (ALBUQUERQUE et al., 2010). As turnês guiadas aconteceram nos quintais dos informantes (Figura 3), uma vez que, a maioria das espécies citadas durante as entrevistas são cultivadas pelos moradores. Algumas espécies não foram coletadas por não serem cultivadas nos quintais ou, por motivos diversos, não ser permitido pelo informante.



Figura 3. Aspecto geral de quintal de um dos informantes da comunidade de Caiana dos Mares (Alagoa Grande –PB), contendo diversas espécies medicinais.

As identificações fundamentaram-se na literatura especializada, consultas a especialistas ou, ainda, através de comparações com materiais depositados nos herbários: EAN, JPB, UEC e SPF (listados de acordo com HOLMGREN et al., 2006). A lista das espécies mencionadas nas entrevistas foi organizada em ordem alfabética e a proposta de classificação adotada foi a do APG III (2009). A grafia dos nomes científicos e autores das espécies foram consultados na base de dados do Missouri Botanical Garden (W3TROPICOS, 2014) e na Lista de Espécies da Flora do Brasil (2014).

A análise dos dados teve caráter qualitativo e quantitativo. Na análise qualitativa realizou-se um trabalho de descrição das informações obtidas através das entrevistas, associadas à observação direta da comunidade e consulta à bibliografia. Para análise quantitativa dos dados foi utilizado o índice de Importância Relativa (IR), baseado no estudo de Albuquerque et al. (2007b). A importância relativa é calculada usando a fórmula $RI = NCS + NP$, onde: NCS = número de sistemas corporais tratados por uma dada espécie dividido pelo número total de sistemas corporais da espécie mais versátil; e NP = número de tipos de uso de

uma dada espécie dividido pelo número total de usos atribuídos ao táxon mais versátil, independente do número de informantes que citaram a espécie.

De acordo com Almeida e Albuquerque (2002) os atributos medicinais citados pelos entrevistados podem ser agrupados em 17 categorias: (1) doenças infecciosas e parasitárias; (2) neoplasias; (3) doenças relacionadas ao sistema endócrino, nutrição ou metabolismo; (4) doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos; (5) problemas do sistema sensorial (ouvidos); (6) problemas do sistema sensorial (olhos); (7) problemas do sistema nervoso; (8) problemas do sistema respiratório; (9) problemas do sistema cardiovascular; (10) problemas do sistema digestório; (11) problemas do trato geniturinário; (12) doenças da pele e do tecido subcutâneo; (13) doenças do esqueleto, músculos ou tecidos conectivos; (14) doenças indefinidas; (15) falta de desejo sexual; (16) debilidade física e mental; (17) inflamações gerais.

4.3 Aspectos Éticos

Este projeto foi registrado no Sistema Nacional de Pesquisa (SISNEP), como CAAE 0475.0.133.000-10 e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, de acordo com os requisitos básicos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde do Brasil (1996).

5. RESULTADOS

5.1 Considerações sobre os informantes

Quanto aos aspectos relativos à infraestrutura básica, todos os informantes residem em casa própria de estrutura simples, com cobertura de telha e construção de alvenaria. As habitações dispõem de caixa d'água, onde é feito armazenamento de água proveniente das chuvas ou de carros-pipa. Todas as residências possuem fornecimento de energia elétrica.

Foi verificado um baixo nível de escolaridade entre os entrevistados (Figura 4), 60% deles possuem apenas o nível fundamental incompleto. Constatou-se o predomínio de aposentados entre os entrevistados, o que implica em renda familiar baixa. A principal atividade é a agricultura de subsistência, na qual os informantes estão ou estiveram vinculados durante a maior parte de suas vidas.

Entre os entrevistados 67% são idosos (Figura 4), o que indica que o conhecimento etnobotânico das plantas medicinais está concentrado nesta faixa etária da comunidade. Muitos relataram que os jovens não se interessam em aprender este tipo de conhecimento, dessa forma, o repasse dos saberes etnobotânicos através das gerações é provavelmente limitado. A maior parte dos informantes (67%) é do gênero feminino, este tipo de conhecimento foi repassado principalmente pelos pais (56%), mas alguns afirmam que também aprenderam sobre as plantas medicinais com os avós (22%) ou com outras pessoas que não são da família (22%) (Figura 4). Durante a entrevista, pode-se verificar que mesmo com o desinteresse da população jovem, o saber sobre as plantas medicinais utilizadas na comunidade tem sido ensinado aos familiares, vizinhos ou até mesmo para pessoas de outras comunidades.

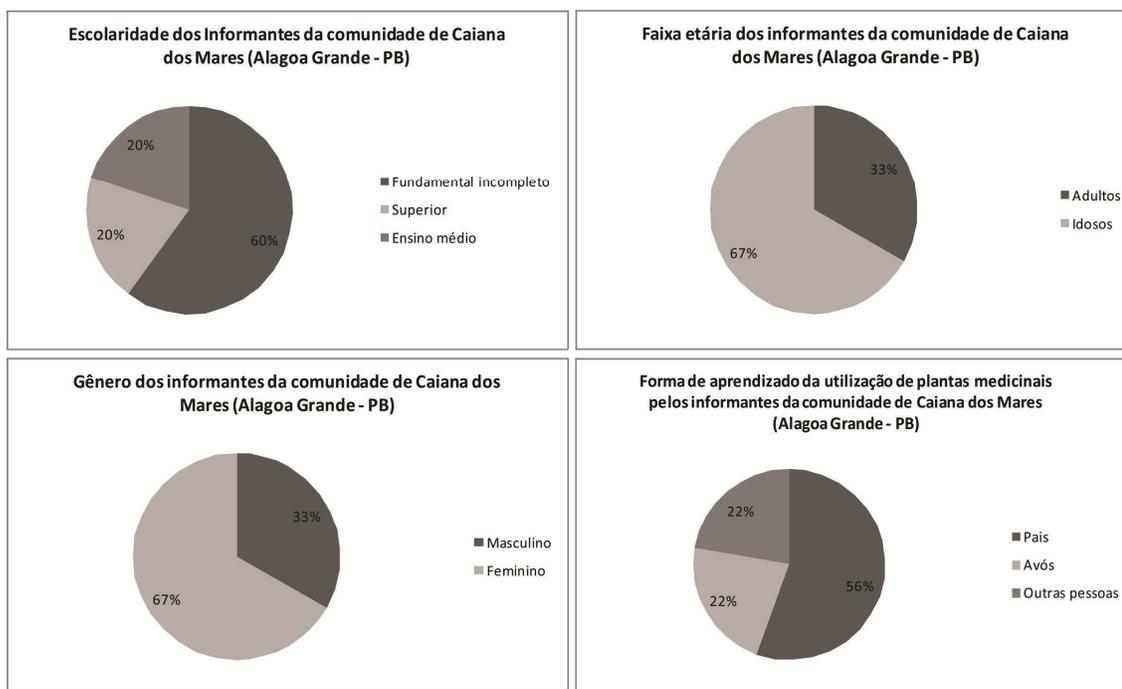


Figura 4. Dados sociodemográficos e etnobotânicos fornecidos pelos informantes da comunidade de Caiana dos Mares (Alagoa Grande – PB).

5.2 Conhecimento etnobotânico

Resultaram deste levantamento 66 espécies, distribuídas em 40 famílias botânicas (Tabela 2), sendo as principais Lamiaceae (7), Fabaceae (5), Asteraceae (4) e Myrtaceae (4) (Figura 5). Em relação à origem das plantas levantadas observou-se que 33,3% são nativas e 66,6% são exóticas.

Os resultados indicaram a folha (56%) como sendo a parte vegetal mais empregada no preparo dos remédios caseiros, seguida da flor e fruto (8% cada), semente (7%) e casca do

fruto (6%). Outras partes vegetais foram citadas, de maneira menos expressiva: casca do caule e secreções – como látex e mucilagem (4% cada), raiz e caule (3% cada) e planta completa (1%). Quanto às formas de preparo destes remédios o chá, em decocto ou infuso, é a forma mais frequente de preparo, com 44% das citações. Logo a seguir, o uso externo, como, cataplasmas, foi frequente, perfazendo 15% do total das citações. O banho ou banho de assento merecem destaque com 10% das citações, ainda foram citados o suco (9%), o lambedor (7%), a garrafada (4%), o sumo da folha ingerido com água (4%), ingestão de uma parte da planta (3%), gargarejo (1%) e o ato de mastigar as folhas da planta (1%).

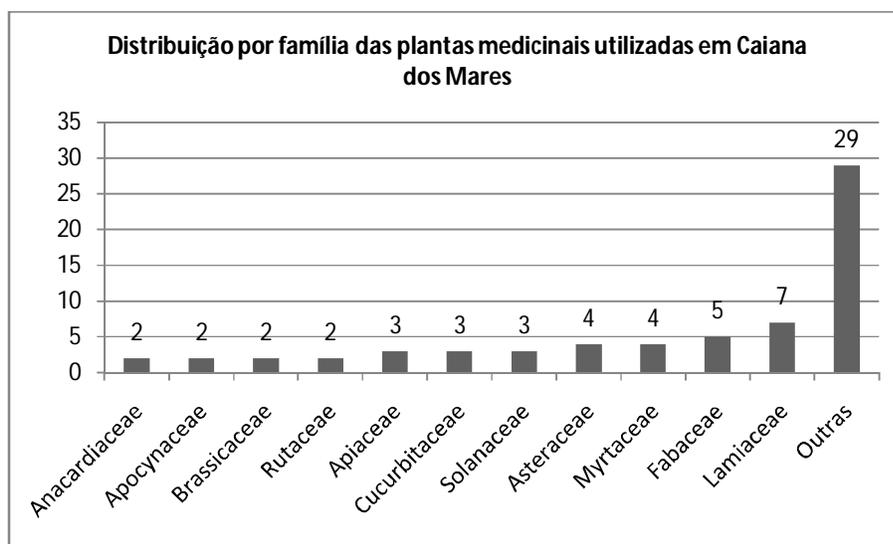


Figura 5. Distribuição por família das plantas medicinais utilizadas em Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB.

Na análise da importância relativa (IR) das espécies examinadas, nove plantas foram consideradas altamente versáteis em termos de uso ($IR > 1$) (Tabela 2), e foram citadas em até cinco categorias de sistemas corporais. Por outro lado, 32 espécies tiveram uma baixa importância relativa ($IR = 0,4$), incluindo “Boa-noite” (*Catharanthus roseus* (L.) Don) (Figura 6A), “Urucum” (*Bixa orellana* L.) (Figura 6B), “Melão-são-caetano” (*Momordica charantia* L.) (Figura 6C) e “Malvão” (*Hibiscus rosa-sinensis* L.) (Figura 6D). As espécies com maior importância relativa foram: “Alecrim” *Rosmarinus officinalis* L. (Figura 6E) ($IR = 2,0$), “Laranjeira” *Citrus x aurantium* L. (Figura 6F) ($IR = 1,5$), “Mastruz” *Chenopodium ambrosioides* L. (Figura 7D) ($IR = 1,5$), “Erva-doce” *Pimpinella anisum* L. (Figura 7A) ($IR = 1,3$), “Cana-do-brejo” *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe (Figura 7B) ($IR = 1,3$), “Cajueiro” *Anacardium occidentale* L. (Figura 7G) ($IR = 1,3$), “Campim santo” *Cymbopogon citratus*

(DC.) Stapf (Figura 7C) (IR = 1,1), “Mamoeiro” *Carica papaya* L. (IR = 1,1) e “Sabugueiro” *Sambucus australis* Cham. & Schltld. (IR = 1,1).

A análise das indicações terapêuticas revelou 50 indicações terapêuticas diferentes para tratar os problemas de vários sistemas corporais (Tabela 1). As categorias de sistemas corporais com maior número de espécies citadas foram os sistemas respiratório e digestório (14 espécies cada), seguidos por doenças indefinidas (12 espécies), problemas do sistema cardiovascular (11 espécies), inflamações em geral e doenças do trato geniturinário (9 espécies cada) (Tabela 1). A maioria das indicações citadas são para o tratamento de doenças do sistema respiratório (como gripe, resfriado, bronquite, tosse, asma, entre outras), seguidas pelas indicações para tratamento dos problemas do sistema digestório (como cólicas, disenteria, desconforto intestinal, dor no estômago, entre outras). A espécie com maior número de indicações terapêuticas foi o “Alecrim” (*Rosmarinus officinalis* L.), com cinco indicações diferentes, incluindo problemas no coração, dor de cabeça, cólicas, dor de estômago e dor de homem (nomenclatura popular para dor renal). Em segundo lugar aparecem o “Mastruz” (*Chenopodium ambrosioides* L.) (Figura 7D), “Hortelã da folha graúda” (*Plectranthus barbatus* Andr.) (Figura 7E) e a “Laranjeira” (*Citrus x aurantium* L.) com quatro indicações cada uma.

Tabela 1. Categorias de sistemas corporais tratados pelas plantas medicinais utilizadas na comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande –PB, com respectivos números de espécies e número de usos reportados.

Categoria	Número de espécies	Número de usos reportados
Debilidade física e mental	1	1
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	4	4
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos	2	2
Doenças do sistema locomotor	3	3
Doenças indefinidas	12	5
Doenças infecciosas e parasitárias	2	2
Doenças relacionadas ao sistema endócrino, nutrição ou metabolismo	4	3
Inflamações em geral	9	1
Neoplasias	3	1
Problemas do sistema cardiovascular	11	4
Problemas do sistema digestório	14	7
Problemas do sistema nervoso	4	4
Problemas do sistema respiratório	14	8
Problemas do sistema sensorial (ouvidos)	2	1
Problemas do trato geniturinário	9	4

Tabela 2.Lista das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande –PB.

Família/ espécie	Nome vernacular	Voucher	IR	Origem	Parte utilizada	Indicação	Formas de uso e posologia
Adoxaceae <i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttdl.	Sabugueiro	Tölke et al. 70	1,1	Nativa	Flor	Tosse, asma, febre.	Chá por duas ou três vezes ao dia, banho.
Amaranthaceae <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (Figura 7D)	Mastruz	Tölke et al. 73	1,5	Nativa	Folha	Desconforto intestinal, cólica, verminoses, tosse.	Esquentar as folhas e passar sobre a barriga, triturar as folhas junto com leite e tomar em jejum uma vez por dia durante 9 dias.
Amaryllidaceae <i>Allium cepa</i> L. (Figura 8E)	Cebola	Tölke et al. 97	0,9	Exótica	Bulbo	Dor de homem, tosse.	Chá de duas a três vezes por dia, garrafada.
Anacardiaceae <i>Anacardium occidentale</i> L. (Figura 7G)	Cajueiro roxo	Tölke et al. 98	1,3	Nativa	Casca do caule	Inflamações em geral, infecção urinária, cicatrização de feridas.	Cozinhar e tomar o chá de duas a três vezes por dia, em ferimentos externos lavar o local do ferimento com o macerado.
<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajarana	Tölke et al. 103	0,9	Exótica	Fruto	Estimulante do apetite, calmante.	Suco da fruta várias vezes ao dia.
Annonaceae <i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Tölke et al. 63	0,9	Exótica	Folha	Icterícia, colesterol alto.	Tomar o chá várias vezes ao dia, banho.
Apiaceae <i>Coriandrum sativum</i> L. (Figura 7F)	Coentro roxo	Tölke et al. 64	0,6	Exótica	Semente	Desmaios, epilepsia.	Tomar o chá duas a três vezes ao dia.
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro maranhão	Tölke et al. 81	0,4	Exótica	Folha	Trombose	Tomar o chá duas a três vezes ao dia.
<i>Pimpinella anisum</i> L. (Figura 7A)	Erva doce	Tölke et al. 67	1,3	Exótica	Folha	Cólica, hipertensão, alergias.	Tomar o chá duas a três vezes ao dia em caso de hipertensão e cólicas, para alergias fazer banho.
Apocynaceae <i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don (Figura 6A)	Boa noite	Tölke et al. 92	0,4	Exótica	Flores	Tosse	Tomar o chá duas a três vezes ao dia.
<i>Plumeria alba</i> L.	Jasmim	Tölke et al. 106	0,4	Exótica	Látex	Dor de dente	Gotejar látex em uma lâ de algodão e colocar sobre o local.
Areaceae <i>Cocos nucifera</i> L.	Coco amarelo	Tölke et al. 107	0,6	Exótica	Casca do fruto	Icterícia, hepatite.	Tomar o chá duas vezes ao dia.
Asteraceae <i>Artemisia alba</i> Turra	Acanfo	Tölke et al. 80	0,9	Exótica	Folha	Dor de cabeça, dor de homem.	Tomar o chá duas a três vezes ao dia.
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Anador	Tölke et al. 88	0,9	Exótica	Folha	Dor de cabeça, dor na coluna.	Tomar o chá uma vez por dia.
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Não coletada	0,9	Exótica	Folha	Hipertensão, para perder peso.	Comer as folhas uma vez por dia.
<i>Vernonanthura condensata</i> (Baker) H. Rob. (Figura 8C)	Boldo	Tölke et al. 98	0,8	Exótica	Folha	Disenteria, cólica, desconforto intestinal.	Pingar o sumo da folha em um copo de água fresca e tomar duas vezes ao dia.
Bixaceae <i>Bixa orellana</i> L. (Figura 6B)	Urucum	Tölke et al. 69	0,4	Nativa	Folha	Inflamações em geral.	Sumo da folha em um copo de água fresca uma vez ao dia.
Brassicaceae <i>Brassica oleracea</i> L.	Couve folha	Tölke et al. 108	0,4	Exótica	Caule	Diabetes.	Tomar um copo de suco uma vez por dia.
<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Mussambê	Não coletada	0,4	Nativa	Raiz e flores	Tosse.	Lambedor de três a quatro vezes ao dia.

Família/ espécie	Nome vernacular	Voucher	IR	Origem	Parte utilizada	Indicação	Formas de uso e posologia
Caricaceae							
<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	Tölke <i>et al.</i> 109	1,1	Exótica	Fruto, semente e látex	Prisão de ventre, verminoses, ameba.	Para prisão de ventre comer o fruto várias vezes ao dia, no tratamento de verminoses comer as sementes uma vez por dia, contra amebas colocar nove gotas do látex em um copo de água e tomar uma vez por dia.
Costaceae							
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe (Figura 7B)	Cana do brejo	Tölke <i>et al.</i> 87	1,3	Nativa	Folha	Dor na coluna, inflamações em geral, próstata.	Tomar meio copo de chá uma vez por dia.
Crassulaceae							
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Saião	Tölke <i>et al.</i> 96	0,9	Exótica	Folha	Inflamações em geral, tosse.	Pra inflamações triturar as folhas com leite e matruz tomar um copo uma vez por dia, para tosse fazer o lambedor.
Cucurbitaceae							
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	Não coletada	0,4	Exótica	Fruto	Hipertensão.	Cozinhar o fruto ou fazer o suco e tomar três vezes ao dia.
<i>Momordica charantia</i> L. (Figura 6C)	Melão-são-caetano	Tölke <i>et al.</i> 59	0,4	Exótica	Folha	Hemorroidas.	Banho de assento uma vez por dia.
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Não coletada	0,4	Exótica	Folha e fruto	Hipertensão.	Chá da folha ou suco do fruto uma vez por dia.
Euphorbiaceae							
<i>Ricinus comunis</i> L.	Carrapateira	Tölke <i>et al.</i> 84	0,4	Exótica	Folha	Dores em geral.	Esquentar a folha e colocar sobre o local abafando com um tecido.
Fabaceae							
<i>Anadenanthera</i> Speg. sp	Angico	Não coletada	0,4	Nativa	Casca do caule	Tosse	Lambedor de três a quatro vezes ao dia.
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Mororó	Tölke <i>et al.</i> 105	0,9	Nativa	Semente e folha	Inflamações em geral, diabetes.	Tomar o chá da folha ou semente três vezes ao dia, banho.
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Guandu-preto	Tölke <i>et al.</i> 71	0,4	Exótica	Semente	Trombose.	Torrar a semente seca e tomar o chá de duas a três vezes ao dia.
<i>Vicia faba</i> L.	Fava	Tölke <i>et al.</i> 66	0,4	Exótica	Folha	Sarna.	Gotejar o sumo da folha no local afetado de duas a três vezes ao dia.
<i>Zornia reticulata</i> Sm.	Urinana	Tölke <i>et al.</i> 86	0,4	Nativa	Folha	Cálculo renal.	Tomar o chá das folhas secas quando necessário.
Lamiaceae							
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. Ex Spreng.	Macaçá	Tölke <i>et al.</i> 72	0,9	Exótica	Folha	Dor de ouvido, dor de dente.	Amassar a folha e colocar sobre o local quando necessário.
<i>Hyptis mutabilis</i> (Rich.) Briq.	Alfavaca	Tölke <i>et al.</i> 100	0,8	Nativa	Folha	Cólica, disenteria, desconforto intestinal.	Tomar o chá das folhas frescas ou secas de duas a três vezes ao dia.
<i>Mentha spicata</i> L.	Hortelã da folha miúda	Tölke <i>et al.</i> 82	0,9	Exótica	Folha	Dor de cabeça, trombose.	Chá da folha fresca de duas a três vezes ao dia ou suco.
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçã	Tölke <i>et al.</i> 104	0,4	Exótica	Folha	Asma.	Lambedor de três a quatro vezes ao dia, banho.
<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth	Manjerona	Tölke <i>et al.</i> 77	0,4	Nativa	Folha	Dor de cabeça.	Esquentar a folha e colocar na cabeça quando necessário.
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr. (Figura 7E)	Hortelã da folha graúda	Tölke <i>et al.</i> 78	1,0	Exótica	Folha	Gripe, resfriado, garganta inflamada, bronquite.	Lambedor com cebola branca e mel, tomar de duas a três vezes ao dia.
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Figura 6E)	Alecrim	Tölke <i>et al.</i> 75	2,0	Exótica	Folha	Coração, dor de cabeça, cólicas, dor de estômago, dor de homem.	Garrafada, chá duas vezes ao dia.
Lauraceae							
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	Tölke <i>et al.</i> 60	0,4	Exótica	Folha	Hipertensão.	Chá até duas vezes por dia.

Família/ espécie	Nome vernacular	Voucher	IR	Origem	Parte utilizada	Indicação	Formas de uso e posologia
Lythraceae <i>Punica granatum</i> L. (Figura 8F)	Romã	Tölke <i>et al.</i> 74	0,9	Exótica	Casca do fruto	Dor na garganta, cicatrizante.	Tomar o chá ou macerado de duas a três vezes por dia para dor na garganta, para cicatrização triturar a casca seca e fazer emplasto no local do ferimento.
Malvaceae <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. (Figura 6D)	Malvão	Tölke <i>et al.</i> 65	0,4	Exótica	Folha e flor	Dor de cabeça.	Tomar o chá da folha de duas a três vezes ao dia ou fazer o emplasto da flor.
Marantaceae <i>Maranta arundinacea</i> L.	Araruta	Não coletada	0,4	Exótica	Raiz	Rouquidão.	Tomar o chá várias vezes ao dia, fazer gargarejo.
Monimiaceae <i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo	Tölke <i>et al.</i> 95	0,8	Exótica	Folha	Cólica, disenteria, desconforto intestinal.	Tomar o chá duas vezes ao dia ou mastigar a folha.
Moraceae <i>Morus nigra</i> L.	Amora	Tölke <i>et al.</i> 102	0,4	Exótica	Folha	Previne o câncer.	Tomar o chá de duas a três vezes ao dia.
Musaceae <i>Musa x paradisiaca</i> L.	Bananeira	Tölke <i>et al.</i> 114	0,8	Nativa	Folha, mangará	Rouquidão, bronquite, asma.	Tomar o chá duas vezes por dia da folha seca ou do mangará (inflorescência).
Myrtaceae <i>Eugenia uniflora</i> L. <i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Pitangueira Jabuticaba	Tölke <i>et al.</i> 101 Tölke <i>et al.</i> 76	0,6 0,4	Nativa Nativa	Folha Casca do fruto	Disenteria, cólica. Hemorragia.	Tomar o chá da folha fresca ou seca de duas a três vezes ao dia. Tomar o chá da casca do fruto seca ou fresca de duas a três vezes ao dia.
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine <i>Psidium guajava</i> L.	Araçá Goiabeira	Tölke <i>et al.</i> 99 Tölke <i>et al.</i> 94	0,4 0,4	Nativa Exótica	Folhas Folhas jovens	Disenteria. Disenteria.	Tomar o chá de três a quatro vezes ao dia. Tomar o chá de duas a três vezes ao dia.
Papaveraceae <i>Argemone mexicana</i> L. (Figura 8D)	Cardo santo	Tölke <i>et al.</i> 93	0,4	Exótica	Planta completa	Trombose.	Tomar o chá da planta seca de duas a três vezes ao dia.
Passifloraceae <i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Tölke <i>et al.</i> 110	0,9	Nativa	Fruto	Hipertensão, calmante.	Para hipertensão tomar o chá da casaca do fruto fresco, o suco é usado como calmante.
Phyllanthaceae <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Não coletada	0,4	Nativa	Folha	Cálculo renal.	Cozinhar as folhas e tomar de duas a três vezes ao dia.
Plantaginaceae <i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	Tölke <i>et al.</i> 83	0,4	Exótica	Folha	Inflamações em geral.	Tomar o chá de duas a três vezes ao dia, banho.
Poaceae <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf (Figura 7C)	Capim santo	Tölke <i>et al.</i> 58	1,1	Exótica	Folha	Cólica, febre, dor de cabeça.	Cozinhar as folhas e tomar de duas a três vezes ao dia, banho à noite.
Portulacaceae <i>Portulaca oleracea</i> L.	Beldroega	Tölke <i>et al.</i> 89	0,4	Nativa	Folha	Frieira.	Fazer emplasto quando necessário.
Rosaceae <i>Rosa x alba</i> L.	Rosa branca	Tölke <i>et al.</i> 90	0,4	Exótica	Flores	Tosse.	Tomar o chá ou macerado de duas a três vezes ao dia.
Rubiaceae <i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schldl.) K. Schum.	Jenipapo bravo	Tölke <i>et al.</i> 85	0,8	Nativa	Casca do caule	Torções, fraturas, dor.	Triturar a casca do caule fresca e fazer emplasto.

Família/ espécie	Nome vernacular	Voucher	IR	Origem	Parte utilizada	Indicação	Formas de uso e posologia
Rutaceae							
<i>Citrus x aurantium</i> L. (Figura 6F)	Laranjeira	Tölke <i>et al.</i> 111	1,5	Exótica	Folha	Tosse, febre, calmante, insônia.	Para tosse tomar o lambedor, para os demais sintomas tomar o chá da folha fresca de duas a três vezes ao dia.
<i>Ruta graveolens</i> L. (Figura 8B)	Arruda	Tölke <i>et al.</i> 79	0,9	Exótica	Folha	Resguardo, dor de ouvido.	Para o resguardo tomar o chá de duas a três vezes ao dia, para dor no ouvido gotejar o sumo da folha no local afetado.
Solanaceae							
<i>Solanum americanum</i> L.	Erva moura	Tölke <i>et al.</i> 68	0,4	Nativa	Semente	Inflamações em geral.	Sumo em um copode água fresca, tomar de duas a três vezes ao dia.
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomateiro	Tölke <i>et al.</i> 112	0,4	Exótica	Casca do fruto	Furúnculo.	Fazer emplasto quando necessário.
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba branca	Não coletada	0,9	Nativa	Fruto	Inflamações em geral, dores.	Garrafada de duas três vezes ao dia, durante três dias.
Verbenaceae							
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. (Figura 8A)	Erva cidreira	Tölke <i>et al.</i> 62	0,6	Nativa	Folha	Cólica, disenteria.	Tomar o chá das folhas frescas de três a quatro vezes ao dia.
Vitaceae							
<i>Vitis vinifera</i> L.	Videira	Tölke <i>et al.</i> 113	0,4	Exótica	Fruto	Previne o câncer.	Ingerir o fruto várias vezes ao dia.
Zingiberaceae							
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M.Sm.	Espriteira ou colônia	Tölke <i>et al.</i> 61	0,4	Exótica	Folha	Febre.	Tomar o chá quando necessário, banho.
Xanthorrhoeaceae							
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	Não coletada	0,9	Exótica	Mucilagem	Inflamações em geral, previne o câncer.	Tomar o chá de duas a três vezes ao dia, fazer emplasto no local afetado, garrafada.



Figura 6. Espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB. **A.** Boa-noite (*Catharanthus roseus* (L.) Don). **B.** Urucum (*Bixa orellana* L.). **C.** Melão-são-caetano (*Momordica charantia* L.). **D.** Malvão (*Hibiscus rosa-sinensis* L.). **E.** Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.). **F.** Laranjeira (*Citrus x aurantium* L.).

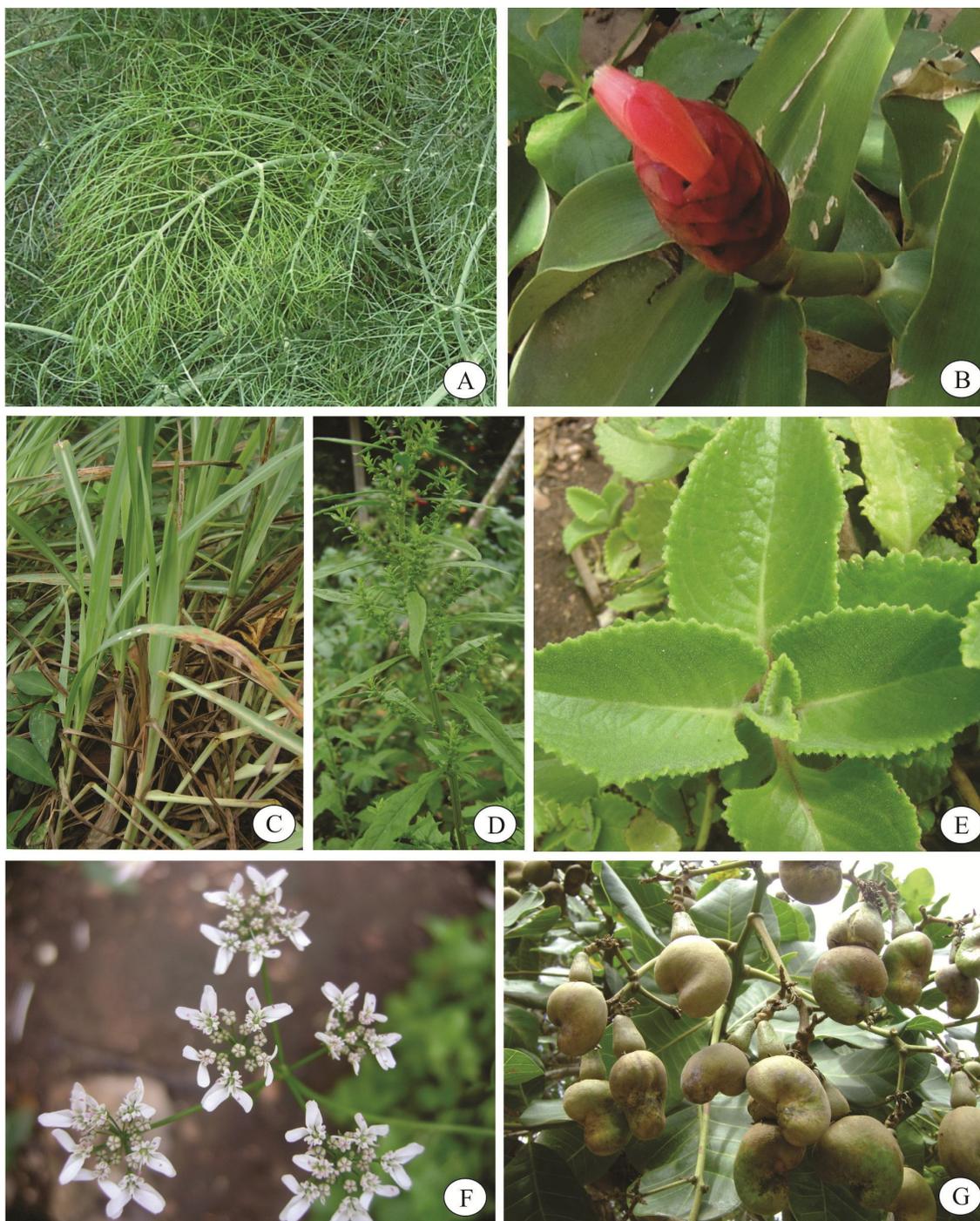


Figura 7. Espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB. **A.** Erva-doce (*Pimpinella anisum* L.). **B.** Cana do brejo (*Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe). **C.** Capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf). **D.** Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.). **E.** Hortelã da folha graúda (*Plectranthus barbatus* Andr.). **F.** Coentro roxo (*Coriandrum sativum* L.). **G.** Cajueiro roxo (*Anacardium occidentale* L.).

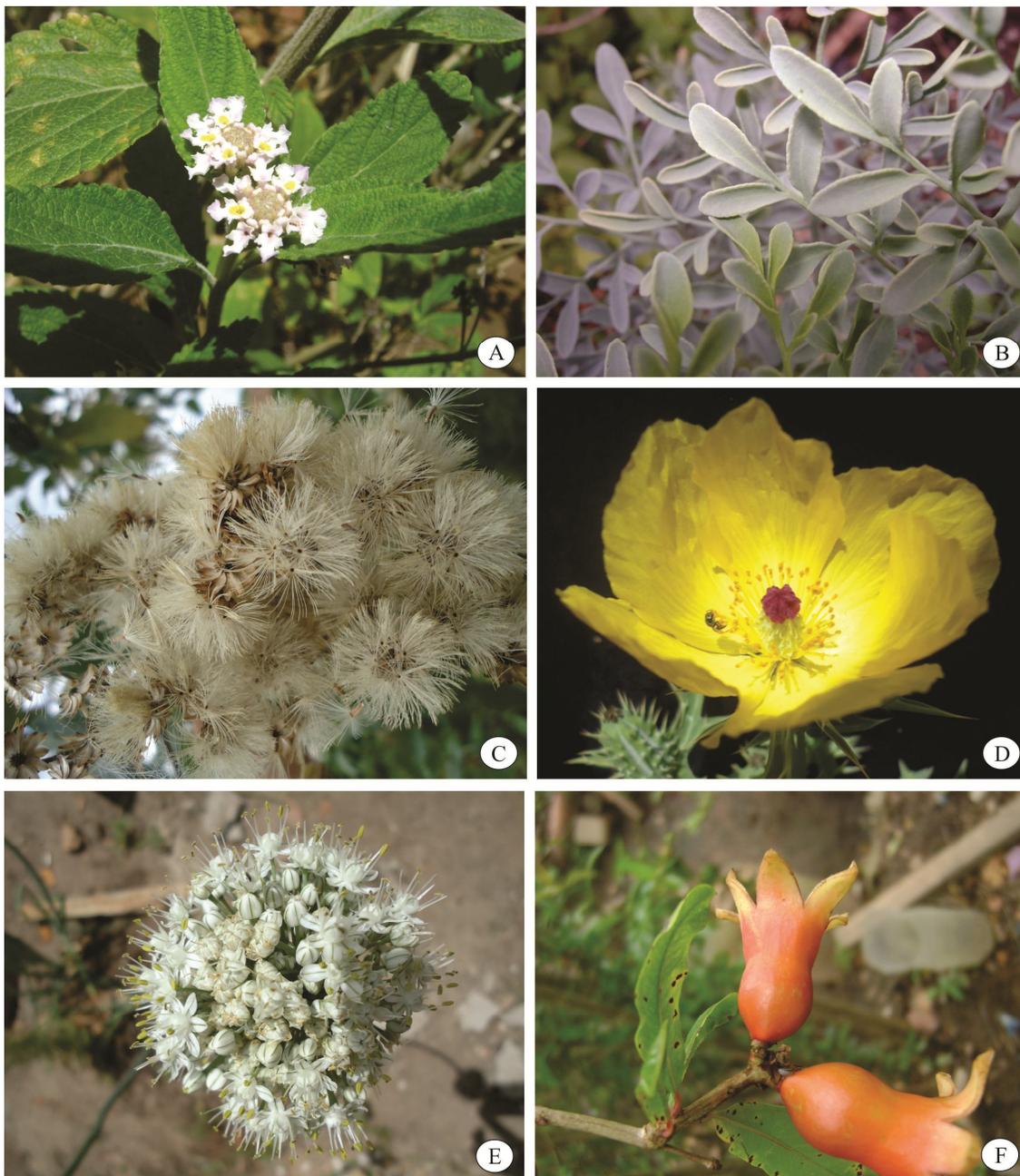


Figura 8. Espécies medicinais utilizadas pela comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande – PB. **A.** Erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.). **B.** Arruda (*Ruta graveolens* L.). **C.** Boldo (*Vernonanthura condensata* (Baker) H. Rob.). **D.** Cardo santo (*Argemone mexicana* L.). **E.** Cebola (*Allium cepa* L.). **F.** Romã (*Punica granatum* L.).

6. DISCUSSÃO

O conhecimento etnobotânico na Comunidade de Caiana dos Mares concentra-se, em sua grande maioria, na faixa etária idosa da população e no gênero feminino. Andrade et al. (2012) pesquisando na comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras, na Paraíba, obteve resultado semelhante quanto à faixa etária dos entrevistados, demonstrando que estes eram predominantemente os mais idosos da comunidade, assim como nos trabalhos realizados por Franco e Barros (2006), Oliveira e Trovão (2009) e Marinho et al. (2012). Costa (2002) afirma que a concentração dos conhecimentos acerca das plantas medicinais com as pessoas mais idosas se deve à experiência de vida retida por esta faixa etária da população, à própria necessidade e frequência de uso ao longo dos anos.

O repasse deste conhecimento às gerações mais jovens da comunidade tem decaído de maneira considerável, este fato pode estar relacionado ao crescente processo migratório para as zonas urbanas em busca de novas alternativas de vida e à diminuição do uso de remédios caseiros frente aos meios de comunicação em massa e a um sistema oficial de saúde que desconsidera as diferentes possibilidades terapêuticas (COSTA, 2002).

O número de espécies registradas neste levantamento (66 espécies) indica uma riqueza considerável do conhecimento local em relação ao uso das plantas medicinais. Riquezas similares foram documentadas por outros autores (PARENTE e ROSA, 2001; AGRA et al., 2007; SIGNORI et al., 2009; MARINHO et al., 2011). Albuquerque (2006) reportou 48 espécies utilizadas em práticas medicinais em uma área de Caatinga no Nordeste do Brasil. As principais famílias botânicas apontadas neste estudo também foram relatadas em outros trabalhos realizados em áreas de Caatinga, a exemplo de Agra et al. (2007a), que realizou levantamento das plantas medicinais utilizadas no Cariri Paraibano, encontrando Fabaceae e Asteraceae como as famílias que apresentaram maior número de espécies, bem como Albuquerque e Oliveira (2007), que em levantamento em área de Caatinga, encontrou as famílias Lamiaceae e Myrtaceae dentre as mais ricas em termos de número de espécies citadas. Observa-se a partir dos dados das pesquisas acima, somadas a outros trabalhos (AGRA et al., 2007; GOMES et al., 2008), que as famílias Fabaceae, Asteraceae, Lamiaceae e Myrtaceae configuram-se como importantes fontes de recursos medicinais em áreas de Caatinga.

A maioria das espécies coletadas neste levantamento é exótica (66,6%), o que pode estar relacionado ao intenso processo de antropização da área estudada, bem como aos fatores sazonais, os órgãos vegetais das espécies nativas utilizadas no preparo dos remédios podem não estar disponíveis durante todo o ano, o que faz com que a população busque como alternativas as espécies exóticas cultivadas nos quintais (ALBURQUERQUE e OLIVEIRA, 2007). Dentre as espécies com maior importância relativa quatro são nativas: *Chenopodium ambrosioides* L., *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe, *Anacardium occidentale* L. e *Sambucus australis* Cham. & Schltl, o que demonstra a importância da flora local no uso medicinal por esta população. O cajueiro roxo (*Anacardium occidentale* L.) esteve entre as espécies com maior valor de importância no trabalho realizado por Alves et al. (2007) em levantamento realizado em Campina Grande, PB.

Em relação à principal parte da planta utilizada no preparo dos remédios, observou-se que a folha foi a mais citada. Resultados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Signori et al. (2009), Santos e Santos (2012), Andrade et al. (2012) e Lacerda et al. (2013). Pesquisadores como Costa-Neto e Oliveira (2000) e Moreira et al. (2002), demonstraram a importância do uso das folhas na medicina popular. Geralmente, este é o órgão da planta que possui maior concentração das substâncias ativas (GONÇALVES e MARTINS, 1998). A folha é parte do vegetal com maior facilidade de coleta e também está disponível em grande quantidade (CASTELLUCI et al., 2002). Estes fatores influenciam sobremaneira a escolha da folha como principal órgão utilizado na preparação dos remédios caseiros. A casca do caule ou caule são pouco utilizados pela comunidade de Caiana dos Mares, no entanto são bastante citados em outros trabalhos (ALBUQUERQUE et al., 2007b; ALVES et al., 2007; GOMES et al., 2008; MARINHO et al., 2011; LUCENA et al., 2012). Albuquerque et al. (2007b) sugerem que a parte da planta utilizada depende da região em que a comunidade está localizada, uma vez que este uso está intrinsecamente relacionado à flora local. O pequeno período de chuva na região determina o ciclo de vida curto das espécies pertencentes à flora local, assim, este recurso é limitado a certo período de tempo (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2002).

As formas de preparo dos “remédios caseiros” foi bastante semelhante ao descrito por Albuquerque (2006), Agra et al. (2007a), Agra et al. (2007b) e Agra et al. (2008). Os autores citam como principais preparações os chás, as garrafadas, os cataplasmas, os banhos e os lambedores. Segundo Agra et al. (2007a) a garrafada é uma preparação constituída por uma mistura de diferentes plantas, principalmente raízes e cascas de caule, maceradas por alguns

dias em bebia alcoólica (geralmente a cachaça); os lambedores são preparados com ervas e açúcar (ou mel) e são bastante utilizados como expectorantes e para faringite; os cataplasmas são utilizados para dores, inflamações, úlceras externas, são preparados a partir de plantas trituradas ou simplesmente aquecidas e aplicadas sobre a parte afetada; em relação aos banhos, prática bastante citada na comunidade de Caiana dos Mares, o preparo é realizado por meio de decocto, e este é utilizado para lavar a área afetada ou simplesmente se utiliza para lavar o corpo inteiro. O chá foi o tipo de preparação que mais se destacou neste levantamento, forma bastante utilizada em diversas comunidades (PARENTE e ROSA, 2001; ALVES et al., 2007; BRITO et al., 2009; SALES et al., 2009; ANDRADE et al., 2012; SANTOS e SANTOS, 2012; LACERDA et al., 2013).

A espécie com maior importância relativa foi o Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), indicada para o tratamento de quatro sistemas corporais (sistema cardiovascular, sistema digestório, sistema geniturinário e doenças indefinidas), utilizada no tratamento de cólicas, dores de cabeça, dor no estômago, dores renais e para problemas cardíacos. Dias et al. (2000) avaliaram a atividade antiulcerogênica do extrato hidroalcoólico de *R. officinalis*, obtendo resultados positivos, comprovando assim a atividade sobre o sistema digestório. Também são comprovados os efeitos diurético (HALOUI et al., 2000), atividade tópica anti-inflamatória (ALTINIER et al., 2007), atividade antioxidante (ERKAN et al., 2008; TAKAKI et al., 2008) e analgésica (TAKAKI et al., 2008). Fahimet al. (1999) demonstraram ainda que o extrato etanólico e o óleo essencial desta espécie possuem potencial efeito hepatoprotetor e antimutagênico, atribuídos ao elevado percentual de substâncias fenólicas com atividade antioxidante.

Citrus x aurantium L. (IR = 1,5) foi indicada no tratamento de três sistemas corporais (sistema respiratório, sistema nervoso e doenças indefinidas), utilizada para tratar tosse, febre, como calmante e contra insônia. Espécies do gênero *Citrus* são ricas em flavonóides, óleos voláteis, cumarinas e pectinas (KUSTER e ROCHA, 2003). Carvalho-Freitas e Costa (2002) comprovaram que a espécie possui atividade sobre o sistema nervoso central, sendo testadas e confirmadas as propriedades ansiolíticas e efeitos sedativos do óleo essencial. Os efeitos sobre o sistema nervoso central também foram comprovados nos trabalhos de Pultrini et al. (2006) e Leite et al. (2008). A espécie ainda possui efeito antiespasmódico (FOSTER et al., 1980), atividade antimicrobiana (CACERES et al., 1987), anti-inflamatória (KANG et al., 2011) e anti-hipertensiva (HUANG et al., 1995).

O mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) está entre as três espécies de maior importância relativa (IR = 1,5), sendo relatada ação sobre os sistemas digestório e respiratório contra doenças parasitárias. Na comunidade de Caiana dos Mares é utilizada contra desconforto intestinal, cólicas, tosse e verminoses. O óleo essencial do mastruz apresentou atividade antifúngica e antioxidante no trabalho realizado por Kumar et al. (2007). A atividade anti-helmíntica foi comprovada nos estudos de Kliks (1985) e Ketzis et al. (2002). Ainda pode apresentar atividade anti-inflamatória e propriedades analgésicas (IBIRONKE e AJIBOBOYE, 2007), além de ser efetiva contra alguns micro-organismos (OWOLABI et al., 2009). Até o momento, não há estudos que comprovem a propriedade antitussígena de *C. ambrosioides*.

As categorias de sistemas corporais com maior número de espécies citadas foram os sistemas respiratório e digestório, seguidos por doenças indefinidas. Resultados semelhantes foram encontrados por Albuquerque et al. (2007b) ao investigar as propriedades das plantas medicinais comercializadas em um mercado público no nordeste do Brasil; outros trabalhos também citaram os mesmos sistemas corporais como os que mais se destacaram (BEGOSSI et al., 2000; FRANCO e BARROS, 2006; AGRA et al., 2007a; ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2007; ALVES et al., 2007; SIGNORI et al., 2009; ANDRADE et al., 2012; LACERDA et al., 2013).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plantas medicinais utilizadas pela comunidade de “Caiana dos Mares”, em sua grande maioria, são indicadas para problemas relacionados com os cuidados primários de saúde, uma vez que o acesso à medicina convencional é limitado. O tratamento utilizando-se plantas medicinais coexiste com tratamento oferecido pelo sistema público de saúde, porém o acesso à este último na comunidade é bastante restrito. Nestes casos, a OMS recomenda a ampliação de práticas que utilizem o conhecimento e flora local no atendimento primário à saúde, com instalação de farmácias vivas nas comunidades. O uso de plantas medicinais é bastante influenciado pela cultura local, pelo isolamento físico das comunidades e pela necessidade de cuidados primários de saúde (NANYING et al., 2008), o que é corroborado por este estudo.

Os dados obtidos nas entrevistas e espécimes coletados indicaram que esta comunidade possui conhecimento considerável sobre o uso medicinal de plantas locais e principalmente das plantas exóticas cultivadas. Entre as espécies de maior importância relativa quatro são nativas e compõem a flora da Caatinga: *Chenopodium ambrosioides* L. (IR = 1,5), *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe (IR = 1,3), *Anacardium occidentale* L. (IR = 1,3) e *Sambucus australis* Cham. & Schltldl. (IR = 1,1). A importância relativa está associada às mais variadas formas de indicação terapêutica das plantas medicinais, acrescidos aos sistemas corporais tratados. A utilização das espécies medicinais na comunidade foi mais direcionada para a cura de doenças que acometem o sistema respiratório e o sistema digestório, sendo utilizados principalmente chás e folhas na preparação dos remédios caseiros.

Este trabalho oferece um registro de plantas com propriedades bioativas, algumas delas, a exemplo da propriedade antitussígena de *Chenopodium ambrosioides* L., ainda não exploradas do ponto de vista químico e farmacológico. Constatou-se que os quintais podem oferecer um espaço privilegiado, rico em informações que podem alentar futuros trabalhos etnobotânicos. A preservação e multiplicação do conhecimento tradicional são imprescindíveis como fontes de novas pesquisas e como forma de melhorar a qualidade de vida das comunidades que ainda utilizam essas práticas. Para isso, é necessária a valorização e o resgate da figura dos “curandeiros”, personagem indispensável na preservação e repasse do conhecimento às novas gerações. Portanto, este registro é importante para a valorização dos processos utilizados na terapêutica popular na comunidade de Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB.

REFERÊNCIAS

AESA. **Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba**. 2013. Acesso em: 18 de Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.aesa.pb.gov.br/>

AGRA, M.F.; ROCHA, E.A.; FORMIGA, S.C.; LOCATELLI, E. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil, parte I: subclasse Asteridae. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 75, p. 61-64, 1994.

AGRA, M.F. **Plantas da medicina popular dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil**. João Pessoa: Editora União, 1996.

AGRA, M.F.; LOCATELLI, E.; ROCHA, E.A.; BARACHO, G.S.; FORMIGA, S.C. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil, parte II: subclasses Magnoliidae, Caryophyllidae, Dilleniidae e Rosidae. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 77, p. 97-102, 1996.

AGRA, M.F.; BARACHO, G.S.; NURIT, K.; BASÍLIO, I.J.L.D.; COELHO, V.M.P. Medicinal and poisonous diversity of the flora of “Cariri Paraibano”, Brasil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 111, p. 383-395, 2006.

AGRA, M.F.; BARACHO, G.S.; BASÍLIO, I.J.D.; NURIT, K.; COELHO, V.M.P.; BARBOSA, D.A. Sinopse da flora medicinal do cariri paraibano. **Oecologia Brasileira**, v. 11, n. 3, p. 323-330, 2007a.

AGRA, M.F.; FREITAS, P.F.; BARBOSA-FILHO, J.M. Synopsis of the plants known as medicinal and poisonous in Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 15, n. 1, p. 114-140, 2007b.

AGRA, M.F.; SILVA, K.N.; BASÍLIO, I.J.L.D.; FREITAS, P.F.; BARBOSA-FILHO, J.M. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 3, p. 472-508, 2008.

ALBAGLI, S. Convenção sobre diversidade biológica: uma visão a partir do Brasil. In: GARAY, I.; BECKER, B.K. (Org.). **Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI**. Rio de Janeiro: Vozes, p.113-134, 2006.

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002, 87p.

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia**, v. 27, p. 336-345, 2002.

ALBUQUERQUE, U.P.; CAVALCANTI, L.H.; CABALLERO, J. Structure and floristics of homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments**, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.

ALBUQUERQUE, U.P. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 2, n. 30, 2006.

ALBUQUERQUE, U.P.; OLIVEIRA, R.F. Is the use-impact on native caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants? **Journal of Ethnopharmacology**, v. 113, p. 156-170, 2007.

ALBUQUERQUE, U.P.; MEDEIROS, P.M.; ALMEIDA, A.L.S.; MONTEIRO, J.M.; LINS-NETO, E.M.F.; MELO, J.G.; SANTOS, J.P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid)

vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 114, p. 325-354, 2007a.

ALBUQUERQUE, U.P.; MONTEIRO, J.M.; RAMOS, M.A.; AMORIM, E.L.C. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 110, p. 76-91, 2007b.

ALBUQUERQUE, E.M. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Rio de Janeiro, 2009, 99 p. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de saúde pública). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP, Rio de Janeiro, 2009.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Eds). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Editora NUPEEA, 2010.

ALEXIADES, M.N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1996.

ALMEIDA, C.F.C.B.R., ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v. 27, n. 6, p. 276–285, 2002.

ALTINIER, G.; SOSA, S.; AQUINO, R.P.; MENCHERINI, T.; LOGGIA, R.D., TUBARO, A. Characterization of topical antiinflammatory compounds in *Rosmarinus officinalis* L. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 55, n. 5, p. 1718-1723, 2007.

ALVES, R.R.N.; SILVA, A.A.G.; SOUTO, W.M.S.; BARBOZA, R.R.D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 4, n. 2, p. 176-198, 2007.

AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996, p.47-68.

AMOROZO, M.C.M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U.P.; ALVES, A.G.C.; BORGES, A.C.L. SILVA, V.A. (orgs.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002, p. 123-131.

ANDRADE, S.E.O.; MARACAJÁ, P.B.; SILVA, R.A.; FREIRES, G.F.; PEREIRA, A.M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 7, n. 3, p. 46-52, jul./set. 2012.

APG III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 161, p. 105-121, 2009.

ARAÚJO, M.M. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no assentamento Santo Antônio, Cajazeiras, PB, Brasil**. Patos, 2009, 130p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais), Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2009.

BALICK, M.J. COX, P.A. **Plants, people and culture: the science of ethnobotany**. New York: Scientific American Library, 1997.

BARACHO, G.S.; AGRA, M.F. Etnomedicina da família Malvaceae nos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 76, p. 48-52, 1995.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; PERONI, N.; Knowledge and use of biodiversity in Brazilian hotspots. **Environment, Development and Sustainability**, v. 2, p. 177-193, 2000.

BELTRÃO, B.A.; MORAIS, F. MASCARENHAS, J.C.; MIRANDA, J.L.F.; SOUZA-JUNIOR, L.C.; MENDES, V.A. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, Estado da Paraíba – Diagnóstico do município de Alagoa Grande**. Recife: CPRM/ PRODEEM, 2005.

BERNARD, H.R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage Publications, 1988, 520 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n.º 212, de 11 de setembro de 1981**. Define o estudo das plantas medicinais como uma das prioridades de investigação em saúde. Brasília, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **RDC n.º 17 de 24 de Fevereiro de 2000**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC n.º 48 de 16 de Março de 2004**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Brasília, 2004, 7p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, 2006a, 60p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho de Gestão do Patrimônio Genético. **Resolução n.º 23 de 10 de Novembro de 2006**. Brasília, 2006b.

BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. Instituto Nacional da Propriedade Industrial. **Resolução nº 134 de 13 de Dezembro de 2006**. Brasília, 2006c.

BRASIL. **Decreto nº 5.813 de 22 de Junho de 2006**. Aprova a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos e dá outras providências. Brasília, 2006d.

BRITO, V.F.S.; DANTAS, I.C.; DANTAS, G.D.S. Plantas medicinais utilizadas pela comissão de mulheres na zona rural no município de Lagoa Seca –PB. **Biofar – Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 112-123, 2009.

CABRAL, S.C.M.; AGRA, M.F. Etnomedicina e farmacobotânica das Capparaceae da caatinga paraibana, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 79, p. 2-6, 1998.

CACERES, A.; GIRON, L.M.; ALVARADO, S.R.; TORRES, M.F. Screening of antimicrobial activity of plants popularly used in Guatemala for the treatment of dermatomucosaldisiases. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 20, p. 223-237, 1987.

CAMARGO, M.T.L.A. Etnofarmacobotânica: metodologia de pesquisa. **Dominguezia**, v. 24, n. 2, p. 71-75, 2008.

CARVALHO-FREITAS, M.I.R.; COSTA, M. Anxiolytic and sedative effects of extracts and essential oil from *Citrusaurantium* L. **Biological and Pharmaceutical Bulletin**, v. 25, n. 12, p. 1629-1633, 2002.

CASTELLUCI, S. LIMA, M.I.S.; NORDI, N.; JOSÉ, G.W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luiz Antônio – SP; uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2002.

COSTA, M.A.G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga, SP**. Botucatu, 2002, 134p. Dissertação (Mestrado em Agronomia), Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2002.

DAS, T.; DAS, A.K. Inventorying plant biodiversity in homegardens: a case study in Barak Balley, Assam, North East India. **Current Science**, v. 89, n. 1, p. 155-163, 2005.

DIAS, P.C.; FOGLIO, M.A.; POSSENTI, A.; CARVALHO, J.E. Antiulcerogenic activity of crude extract of *Rosmarinus officinalis*. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 69, n. 1, p. 57-62, 2000.

ELDIN, S.; DUNFORD, A. **Fitoterapia na atenção primária à saúde**. São Paulo, Monole, 2001.

ERKAN, N.; AYRANCI, G.; AYRANCI, E. Antioxidant activities of rosemary (*Rosmarinus officinalis* L.) extract, blackseed (*Nigella sativa* L.) essential oil, carnosic acid, rosmarinic acid and sesamol. **Food Chemistry**, v. 110, n. 1, p. 76-82, 2008.

FAHIM, F.A.; ESMAT, A.Y.; FADEL, H.M.; HASSAN, K.F.S. Allied studies on the effect of *Rosmarinus officinalis* L. on experimental hepatotoxicity and mutagenesis. **International Journal of Food Sciences and Nutrition**, v. 50, n. 6, p. 413-427, 1999.

FERNANDES, E.C.M.; NAIR, P.K.P. An evaluation of the structure and function of tropical homegardens. **Agricultural Systems**, v. 21, p. 279-310, 1986.

FLORENTINO, A.T.N.; ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FOSTER, H.B.; NIKLAS, S.; LUTZ, S. Antispasmodic effects of some medicinal plants. **Planta Medica**, v. 40, p. 309-319, 1980.

FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 6, n. 3, p. 78-88, 2006.

GARCIA, E.S. Biodiversidade, Biotecnologia e Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 11, n. 3, p. 495-500, jul/set 1995.

GOMES, E.C.S.; BARBOSA, J.; VILAR, F.C.R.; PEREZ, J.O.; VILAR, R.C.; FREIRE, J.L.O.; LIMA, A.N.; DIAS, T.J. Plantas da Caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental**, v. 5, n. 2, p. 74-85, 2008.

GOMES, A.M.S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos, quintais da grande BH**. Belo Horizonte, 2009, 272 p. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GONÇALVES, M.I.A.; MARTINS, D.T.O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 79, n. 3/4, p. 56-61, 1998.

GRILLO, M.A.F. Cavalo-marinho: as representações do povo através do folgado pernambucano. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011.

GUARIN, N.G.; SANTANA, S.R.; BEZERRA-DA-SILVA, J.V. Notas etnobotânicas e espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica**, v. 14, n. 3, p. 327-334, 2000.

HALOUI, M.; LOUEDEC, L.; MICHEL, J.; LYOUSSI, B. Experimental diuretic effects of *Rosmarinus officinalis* and *Centaurium erythraea*. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 71, n. 3, p. 465-472, 2000.

HAMILTON, A.C.; SHENGJI, P.; KESSY, J.; KHAN, A.A.; LAGOS-WITTE, S.; SHINWARI, Z.K. **The purposes and teaching of applied ethnobotany**. People and Plants working paper 11. Godalming: WWF, 2003.

HOLMGREN, P. K.; HOLMGREN, N. H.; BARNETT, L. C. 2006. **Index Herbariorum Part I: The herbaria of the world**. Disponível em: <<http://sciweb.nybg.org/science2/IndexHerbariorum.asp>>. Acesso em: 18jan. 2014.

HUANG, Y.; WANG, G.; CHEN, C.; HONG, C.; YANG, M.C.M. Fructus aurantii reduced portal pressure in portal hypertensive rats. **Life Sciences**, v. 57, p. 2011-2020, 1995.

IBIRONKE, G.F.; AJIBOYE, K.I. Studies on the anti-inflammatory and analgesic properties of *Chenopodium ambrosioides* leaf extract in rats. **International Journal of Pharmacology**, v. 3, n. 1, p. 111-115, 2007.

JONES, V.H. The nature and status of Etnobotany. **Chronica Botanica**, v. 6, p. 219-221, 1941.

KANG, S.; HAN, D.; PARK, K.; PARK, H.; CHO, Y.; LEE, H.; LEE, W.; RYU, C.; HA, Y.; LEE, D.; KIM, J.; KIM, G. Suppressive Effect on Lipopolysaccharide-Induced Proinflammatory Mediators by *Citrus aurantium* L. in Macrophage RAW 264.7 Cells via NF- κ B Signal Pathway. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2011, p. 1-12, 2011.

KEHLENBECK, K.; MAASS, B.L. Crop diversity and classification of homegardens in Central Sulawesi, Indonesia. **Agroforestry Systems**, v. 63, n. 1, p. 53-62, 2004.

KETZIS, J.K.; TAYLOR, A.; BOWMAN, D.D.; BROWN, D.L.; WARNICK, L.D.; ERB, H.N. *Chenopodium ambrosioides* and its essential oil as treatments for *Haemonchus contortus* and mixed adult-nematode infections in goats. **Small Ruminant Research**, v. 44, n. 3, p. 193-200, 2002.

KFFURI, C.W. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino (Minas Gerais)**. Viçosa, 2008, 101p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

KLIKS, M.M. Studies on the traditional herbal anthelmintic *Chenopodium ambrosioides* L.: Ethnopharmacological evaluation and clinical field trials. **Social Science and Medicine**, v. 21, n. 8, p. 879-886, 1985.

KUMAR, B.M.; NAIR, P.K.R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, p. 135-152, 2004.

KUMAR, R.; MISHRA, A.K.; DUBEY, N.K.; TRIPATHI, Y.B. Evaluation of *Chenopodium ambrosioides* oil as a potential source of antifungal, antiaflatoxicogenic and antioxidant activity. **International Journal of Food Microbiology**, v. 115, n. 2, p. 159-164, 2007.

KUSTER, R.M.; ROCHA, L.M. Cumarinas, cromonas e xantonas. In: SIMÕES, C.M.O.; SHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. (org.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5.ed. Porto Alegre/Florianópolis: Editora da UFRGS/Editora da UFSC, 2003, p.247-262.

LACERDA, J.R.C.; SOUSA, J.S.; SOUSA, L.C.F.S.; BORGES, M.G.B.; FERREIRA, R.T.F.V.; SALGADO, A.B.; SILVA, M.J.S. Conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicabilidade em três segmentos da sociedade no município de Pombal - PB. **Revista Agropecuária Científica no Semiárido**, v. 9, n. 1, p. 14-23, já./mar. 2013.

LEITE, M.P.; FASSIN-JUNIOR, J.; BAZILONI, E.M.F.; ALMEIDA, R.N.; MATTEI, R.; LEITE, J.R. Efeitos comportamentais em ratos após inalação do óleo essencial de *Citrus aurantium* L. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, p. 661-666, 2008.

LEONEL, M. Bio-sociodiversidade: preservação e mercado. **Estudos avançados**, v. 14, n. 38, p. 321-346, 2000.

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 18 Jan. 2014.

LÓPES, C.A.A. Considerações gerais sobre plantas medicinais. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 19-27, 2006.

LUCENA, R.F.P.; SOARES, T.C.; VASCONCELOS-NETO, C.F.A.; CARVALHO, T.K.N.; LUCENA, C.M.; ALVES, R.R.N. Uso de recursos vegetais da caatinga em uma comunidade rural no Curimataú paraibano (Nordeste do Brasil). **Polibotânica**, n. 34, p. 217-238, 2012.

MARINHO, M.G.V.; SILVA, C.C.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 13, n. 2, p. 170-182, 2011.

MARTIUS, C.P.F.; EICHLER, A.G.; URBAN, I. (orgs.) **Flora Brasiliensis, enumeratio plantarum de Brasilia**, v. 1-15. Monachii, Lipsiae, R. Oldenbourg, 1840-1906.

MELLO, J.F. Plants in traditional medicine in Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 2, p. 49-55, 1980.

MOURA, C.L. ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, supl. 1, p. 219-221, 2007.

NANYINGI, M.O.; MBARIA, J.M.; LANYASUNYA, A.L.; WAGATE, C.G.; KOROS, K.B.; KABURIA, H.F.; MUNENGE, R.W.; OGARIA, W.O. Ethnopharmacological survey on Sanburudistrict, Kenya. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 4, n. 14, p. 1-12, 2008.

OLIVEIRA, M.F.S. Fitoterapia e biodiversidade no Brasil: Saúde, Cultura, Sustentabilidade. **Revista Ideas Ambientales**, n.2, nov. 2005.

OLIVEIRA, F.C.; ALBUQUERQUE, U.P.; FONSECA-KRUEL, V.S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, E.C.S.; TROVÃO, D.M.B.M.; O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no Estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Pautas para La evaluación de medicamentos herbários**. Genebra, 1991.

OWOLABI, M.S.; LAJIDE, L.; OLADIMEJI, M.O.; SETZER, W.N.; PALAZZO, M.C.; OLOWU, R.A.; OGUNDAJO, A. Volatile constituents and antibacterial screening of the essential oil of *Chenopodium ambrosioides* L. growing in Nigeria. **Journal Natural Product Communications**, v. 4, n. 7, p. 989-992, 2009.

PARENTE, C.E.T.; ROSA, M.M.T. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, v. 52, n. 80, p. 47-59, 2001.

PATZLAFF, R.G.; PEIXOTO, A.L. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v.16, n.1, p. 237-246, jan./mar. 2009.

PIO-CORRÊA, M. **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas, v. I-VI**. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1974.

POSEY, D.A. Ethnoentomology of the Kaiapó indians of central Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v.1, n.1, p.165-74. 1986.

PULTRINI, A.M.; GALINDO, L.A.; COSTA, M. Effects of the essential oil from *Citrus aurantium* L. in experimental anxiety models in mice. **Life Sciences**, v. 78, n. 15, p. 1720-1725, 2006.

ROCHA, E.A.; AGRA, M.F. Etnomedicina da família Lamiaceae dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 77, p. 19-24, 1996.

SALES, G.P.S.; ALBUQUERQUE, H.N.; CAVALCANTI, M.L.F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia – PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, n. 1, p. 31-36, 2009.

SANTOS, E.B.; DANTAS, G.S.; SANTOS, H.B.; DINIZ, M.F.F.M.; SAMPAIO, F.C. Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1B, p. 321-324, jan./mar. 2009.

SANTOS, F.R.; SANTOS, M.J.C. O uso de plantas medicinais mantidas em sistemas agroflorestais no âmbito da agricultura familiar. **Scientia Plena**, v. 8, n. 4, p. 1-4, 2012.

SIGNORINI, M.A.; PIREDDA, M.; BRUSCHI, P. Plants and traditional knowledge: an ethnobotanical investigation on Monte Ortobene (Nuoro, Sardinia). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 5, n. 6, 2009.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T.A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L.C.; MENDONÇA, A.M.S. Cultivo de espécies alimentares em quintais urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

SOARES, M.A.A.; BRAGA, J.R.P.; MOURÃO, A.E.B.; PARENTE, K.M.S.; PARENTE-FILHO, E.G. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Gurinhém – Paraíba. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, p. 36-47, set./out. 2009.

TAKAKI, I.; BERSANI-AMADO, L.E.; VENDRUSCOLO, A.; SARTORETTO, S.M.; DINIZ, S.P.; BERSANI-AMADO, C.A.; CUMAN, R.K.N. Anti-inflammatory and antinociceptive effects of *Rosmarinus officinalis* L. essential oil in experimental animal models. **Journal of Medicinal Food**, v. 11, n. 4, p. 741-746, 2008.

TOLEDO, V.M. La etnobotanica em Latinoamerica: vicisitudes, contextos, desafios. **Memorias do IV Congresso Latinoamericano de Botanica**. Guadalupe: Medellin, p. 13-34, 1987.

TOMAROZZI, M.I.; NEGRELLE, R.R.B.; CENTA, M.L.. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 115-121, 2006.

TRESVESOL, L.M.; PAULA, F.R.; RICARDO, A.F.; FERREIRA, H.D.; ZATTA, D.T. Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

TROVÃO, D.M.B.M.; SILVA, S.C.; VIEIRA-JUNIOR, R.L.; SILVA, A.B. Estudo comparativo entre três fisionomias de caatinga no estado da Paraíba e análise do uso das espécies vegetais pelo homem nas áreas de estudo. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 4, p. 1-5, 2004.

VASCONCELOS, M.C. **Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira, SP.** Botucatu, 2004, 159 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia), Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2004.

W3TROPICOS. **Tropicos Home - Missouri Botanical Garden.** 2014. Disponível em: <<http://www.tropicos.org/>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

WHA. World Health Association Division of Mental Health. **Qualitative Research for Health Programmes.** Geneva: WHA, 1994.

YUNES, R.A.; PEDROSA, R.C.; CECHINEL, F.V. Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil. **Química Nova**, v. 24, n. 1, p. 147-152, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

Título da Pesquisa
ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE CAIANA DOS MARES, ALAGOA GRANDE, PB
Pesquisador Responsável: Thulio Antunes de Arruda

Eu, pesquisador responsável pela pesquisa acima identificada, Professor Titular de Farmacologia da UEPB, portador do RG 903.658 SSP/PB e CPF 586.934.584-49, declaro que conheço e cumprirei as normas vigentes expressas na **Resolução N° 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde**, e em suas complementares (**Resoluções CNS/MS 240/1997, 251/1997, 292/1999, 303/2000, 304/2000, 340/2004, 346/05 e 347/05**), e assumo, neste termo o compromisso de:

1. **Somente iniciar** a pesquisa **após sua aprovação** junto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos e Animais da UEPB e, nos casos assim previstos em lei (Resolução CNS/MS 196/96, VIII, 4 e CNS/MS 340/04, item VI), na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.
2. Caso a pesquisa seja interrompida, informar tal fato ao Comitê de Ética/UEPB, de forma justificada.
3. Na ocorrência de evento adverso grave comunicar imediatamente ao Comitê de Ética/UEPB, bem como prestar todas as informações que me forem solicitadas.
4. Ao utilizar dados e/ou informações coletados no (s) prontuários do(s) sujeito(s) da pesquisa, ou material biológico estocado, assegurar a confidencialidade e a privacidade dos mesmos.
5. Destinar os dados coletados somente para o projeto ao qual se vinculam. Todo e qualquer outro uso deverá ser objeto de um novo projeto de pesquisa que deverá ser submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Campina Grande, 18 de julho de 2013

Thúlio Antunes de Arruda
Pesquisador Responsável

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Farmácia
Curso de Farmácia Generalista
Av. das Baraúnas, 351 – Campus Universitário - Bodocongó
Campina Grande, Paraíba – CEP: 58109-753

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, declaro para os devidos fins, que livremente aceito participar da pesquisa intitulada “ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE CAIANA DOS MARES, ALAGOA GRANDE, PB”, coordenada pelo Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Na referida pesquisa será feito um levantamento de dados a respeito das práticas tradicionais sobre plantas medicinais na comunidade Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB.

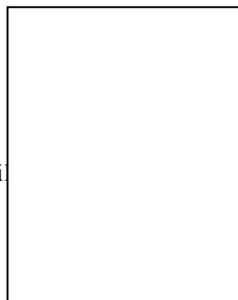
Entrevistado (Nome ou impressão dacti

Pesquisador

Dúvidas ou informações, procurar:

Thúlio Antunes de Arruda

Telefone: (83) 8739 0376



APÊNDICE C

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA COLETA DE DADOS

ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE CAIANA DOS MARES, ALAGOA GRANDE, PB

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E SÓCIODEMOGRÁFICOS

Nome completo:

Gênero: Observar e anotar () Masculino () Feminino

Idade:

Estudou? () Não () Sim, até série _____

II. DADOS ETNOBOTÂNICOS

1- Com quem o (a) Sr (a) aprendeu a utilizar plantas medicinais?

() Pais () Avós () Outros familiares () Outras pessoas

2- O senhor (a) ensinou a alguém esses conhecimentos?

() Sim () Não

Se sim, quem?

() familiares () Vizinhos () pessoas de outras localidades

III. SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS

a) Quais são as plantas que o (a) Sr (a) utiliza para os problemas de saúde?

b) Qual a parte da planta é utilizada?

c) Com o é feito o preparo com as plantas?

d) Qual a forma de uso?

e) Qual a quantidade utilizada?

f) Usar quantas vezes durante o dia?

g) Usar por quanto tempo?

ANEXOS

ANEXO 1

TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA E DIVULGAÇÃO DO TRABALHO CIENTÍFICO

Termo de autorização de pesquisa e divulgação do trabalho científico

A pesquisa “ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE CAIANA DOS MARES, ALAGOA GRANDE, PB”, será realizada pela aluna Elisabeth Tölke, para elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que será apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, sendo orientada pelo professor Dr. Thulio Antunes de Arruda da mesma universidade.

Tem como finalidades conhecer as plantas medicinais utilizadas na prevenção e tratamento de saúde, através de um resgate dos métodos tradicionais de saúde da comunidade Caiana dos Mares, Alagoa Grande, PB e coletar informações sobre o uso das plantas utilizadas, em especial aquelas voltadas para prevenção e tratamento das alterações bucais e identificar cientificamente as plantas levantadas.

O estudo é importante para a comunidade, pois possibilitará a manutenção dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais e fornecerá dados para preservação dos recursos naturais e meio ambiente. Através deste estudo a comunidade estará contribuindo com os seus saberes para continuidade de outras pesquisas e com o meio científico e disseminando os seus conhecimentos.

Como retorno à comunidade, será entregue à(s) liderança(s) cópias do referido trabalho após o término do estudo.

Pelo presente termo, compreendemos as informações sobre a pesquisa e estamos de acordo com a sua realização e cientes da sua importância para as comunidades quilombolas e para os estudos científicos. Autorizamos a publicação da dissertação e de artigos científicos em revista com dados da pesquisa, assim como a apresentação em Congressos Nacionais e Internacionais. Concordamos com divulgação de imagens, como fotografias das comunidades e plantas.

Liderança da Comunidade Caiana dos Mares, Alagoa Grande, Paraíba